

# RELATORIO

— DA —

## VIAGEM Á EUROPA

Realizada por

**ANTONIO BERNARDO CANELLAS**

Em missão da

**FEDERAÇÃO DE RESISTENCIA DAS CLASSES**

**TRABALHADORAS DE PERNAMBUCO**

21 de Janeiro a 6 de Setembro  
de 1919.

Editado por

*Antonio Bernardo Canellas*

**PREÇO 1\$000**



**PERNAMBUCO**  
1920

# RELATORIO

— DA —

## VIAGEM Á EUROPA

Realizada por

**ANTONIO BERNARDO CANELLAS**

Em missão da

### FEDERAÇÃO DE RESISTENCIA DAS CLASSES TRABALHADORAS DE PERNAMBUCO

21 de Janeiro a 6 de Setembro  
de 1919.

Editado por

*Antonio Bernardo Canellas*

**PREÇO 1\$000**



**PERNAMBUCO**  
1920



## INTRODUÇÃO



Si não fosse o dever, que considero imperioso, de dar uma satisfação aos camaradas das organizações operarias, decerto eu não ousaria fazer a edição do presente relatório da minha viagem á Europa, realisada em cumprimento da missão de tomar parte na conferencia internacional syndicalista de Berna, da qual missão me incumbiu a Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco.

E' que julgo este trabalho muito aquém dos meus desejos, que eram fazer uma *enquête* em regra sobre o movimento operario europeu destes ultimos cinco annos e ir á Rússia observar de perto a organização dos *soviets*.

Mas foram tão pessimas as condições em que realisei esta viagem ; tive de me defrontar com tantos impecilhos e vi de tal forma abandonado á minha iniciativa propria pelos que me enviaram ao estrangeiro, que não pude jamais ter o socego de espirito e nem os recursos pecuniarios indispensaveis, tanto um como o outro, á execução do meu plano.

Eu havia organizado um questionario de 60 perguntas que ia submeter á apreciação dos mais eminentes propagandistas do socialismo na Europa. Essas respostas das sumidades socialistas esclarecer-nos-hiam immenso sobre a situação actual e as tendencias do movimento operario europeu, que nós temos precisão de conhecer verazmente.

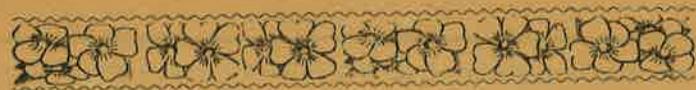
Por outro lado, a *enquête* que eu proprio fizesse nos revelar a certos methodos de acção que ainda não conhecemos e que nos seriam utilissimos nesta phase de transformação social que todavia nos encontra quasi desprevenidos de espirito perante uma infinidade de problemas cuja solução urge e que entretanto não podemos solver por nos faltar a educação technica e geral e a capacidade organisadora necessarias para tal fim.

Não obstante, o que pude fazer é isso que ahi está: é uma narrativa resumida do que foi a minha accidentada viagem; uma apreciação ligeirissima do movimento operario na Hespanha, em Portugal e na Belgica; uma pequena dissertação sobre a situação geral do movimento social na Europa; um historico da greve geral internacional de 21 de Julho de 1919; algumas apreciações sobre a Conferencia de Amsterdam e a exposição de varias conclusões a que cheguei afinal sobre o que vi durante o tempo em que permaneci entre os camaradas do Velho Mundo.

Bem pouca cousa—*hélas!*—comparado com o que pretendia fazer. Mas conforta-me a esperança de que os camaradas saberão avaliar estas razões e concordar commigo sobre que *nem sempre é possível fazer as cousas conforme o desejamos.*

Recife—Janeiro de 1920.

ANTONIO BERNARDO CANELLAS.



# RELATORIO DA VIAGEM Á EUROPA

21 de Janeiro a 6 de Setembro de 1919



## OS ANTECEDENTES DA VIAGEM

Em principios de Janeiro do corrente anno chegou a Pernambuco o camarada Joaquim Moraes, da União dos Operarios em Fabricas de Tecidos do Rio de Janeiro, que desta cidade emigrara affim de escapar á acção da policia carioca, a qual pretendia envolvê-lo e responsabilisal o no movimento grevista de 18 de Novembro de 1918, por ella considerado subversivo das actuaes instituições sociaes. O mesmo scientificou aos camaradas pernambucanos de que, indo se realizar proximamente na Europa uma Conferencia Internacional Syndicalista, seria de toda a conveniencia que o proletariado brasileiro nella fosse representado.

As organizações do Rio não podiam enviar uma representação á dita Conferencia, porque nesssa occasião a perseguição policial, derivada do movimento de 18 de Novembro, embaraçava-as bastante; e, em vista disso, o camarada Moraes pediu á Federação de Resistencia das Classes Trabalhadoras de Pernambuco que deliberasse sobre o assumpto. Essa proposta foi tomada em consideração e, em reunião dos delegados de todas as associações syndicalistas de Pernambuco, ficou deliberado que se enviassem dois delegados á Europa, com a missão de tomar parte na Conferencia Internacional Syndicalista de Berna.

Os delegados escolhidos foram eu e o camarada Moraes.

A primeira difficuldade surgida foi a dos recursos pecuniarios. A Federação, que acabára de sustentar diversos

movimentos grevistas de certa importancia, estava exgotada e só poderia dispor naquella occasião da quantia de 600\$000, que seria dividida entre os dois delegados.

Mau grado a insignificancia dessa quantia (300\$000) que eu bem via ser insufficiente para levar a effeito uma tão longa e arriscada viagem, acceitei todavia a incumbencia, confiado em que os camaradas de Pernambuco não me abandonariam jamais e saboriam procurar recursos que me seriam enviados á medida que fossem sendo obtidos.

Apoz a deliberação da Federação, eu e o camarada Moraes puzemo-nos em campo para regular os preparativos da viagem.

A difficuldade maior estava em obter passagens. Na quella epocha isso era difficil e quasi todas as companhias de navegação transatlantica tinham as suas passagens vendidas adeantadamente por trez mezes e mais. Para mim, a questão era relativamente facil porque sou embarcadço e poderia seguir viagem na qualidade de tripulante d'um dos vapores brasileiros que fazem a linha da Europa. O camarada Moraes, porém, não poderia fazer o mesmo, tanto por ser portuguez como tambem por não ser embarcadço.

Em vista disso, ficou resolvido que eu partisse primeiro, ficando o camarada Moraes para partir depois, si accaso obtivesse passagens num dos paquetes que por aquellas semanas proximas passaria pelo Recife rumo á Europa.

Mas era preciso partir immediatamente, afim de chegar á Europa ainda a tempo de participar da Conferencia Internacional, que se realisaria a 25 de Fevereiro. Ora, assim *imediatamente*, era difficillimo obter matricula num dos vapores brasileiros da linha da Europa, mórmente com a condição de desembarcar n'um porto europeu. Só por intermedio duma *alta influencia* eu poderia obter essa concessão. Esta *alta influencia*, quem poderia ser? O governo, evidentemente.

Para o governo de Pernambuco eu era um *indesejavel*, cuja sahida para fora do Estado era preciso promover por todos os meios, a bem da *segurança das instituições*.

O governo havia mesmo, em certa occasião, tentado expulsar-me e comprehendí que elle me auxiliaria no que pudesse caso eu resolver-se retirar-me voluntariamente para fóra do paiz. Assim, ser-me hia facil obter, por intermedio das autoridades governantaes, uma matricula de tripulante a bordo do *Corcovado*, cargueiro da Companhia Commercio e Navegação, o unico vapor que por aquelles dias proximos partiria para a Europa.

Foi o que fiz. Por intermedio d'um amigo commum, fiz saber ao sr. desembargador Antonio Guimarães, Chefe de Policia do Estado de Pernambuco, essa minha disposição de retirar-me para fóra do Estado e o meu desejo de matricular-me, para tal fim, no vapor *Corcovado*, com a condição de desembarcar num porto europeu. Tão depressa este meu desejo foi conhecido, o sr. chefe da policia tratou de satisfazer-o. Encarregou um dos seus auxiliares de fallar nesse sentido com o proprietario da Companhia Commercio e Navegação, o conde Ernesto Pereira Carneiro, que consentiu em matricular me na tripulação do seu navio e nas condições em que eu pretendia. Em seguida, o chefe de policia deu-me um passaporte e então pude seguir viagem a bordo do *Corcovado*, aos 21 de Janeiro do corrente anno de 1919.

Alguns camaradas, poderão achar esse procedimento pouco conforme aos nossos methodos. Mas convenhamos em que as circumstancias dispõem e portanto acho natural este modo de proceder. Não reparemos nos *meios*: olhemos os *fins* a que esses meios serviram. Demais, é tão bonito pôr a *alta influencia* governamental inconscientemente ao serviço da nossa causa!...

\* \* \*

A minha partida, ou melhor os fins da minha viagem, foram cercados do segredo mais absoluto. É sabido que os governos não estimam que os trabalhadores dos differentes paizes tenham entre si relações muito frequentes porque sabem o valor que essas trocas de vistas representam. E si a minha viagem fosse annunciada, era de temer que o governo a impedisse. Ficou, porem, resolvido que, assim que eu chegasse á Europa, a Federação daria a maior publicidade possivel ao assumpto e officiaría a todas as organizações obreiras do Brasil communicando a minha viagem e os fins a que ella se destinava.

## O DESEMBARQUE EM GIBRALTAR

Eu ia com intenções de desembarcar em Cette, na França. Dahi seguiria para Berna, na Suíça, que fica a poucas horas de viagem desse porto francez. Mas ao chegar em Gibraltar, porto inglez situado na costa meridional da Hespanha, o commandante do *Corcovado* — um excellentê homem, aliás—fez-me sciente de que me seria difficillimo, impossivel mesmo, desembarcar em Cette, devido ás exigencias do governo francez.

Então é que eu fui saber que, para ir á Suíça, me seria necessario um passaporte visado pelos consules francez e sulso. Ora, o passa-orte que a policia de Pernambuco dera não levava o visto de autoridade consular alguma. A unica solução, pois, era desembarcar mesmo em Gibraltar. Isso para mim, foi um contratempo dos maiores. Si saltasse em Cette, poderia chegar a Berna ainda a tempo de participar da Conferencia. Mas, saltando em Gibraltar, não só não poderia fazer isso, como até seria forçado a despezas que iriam talvez consumir a pequena quantia que eu levava. E foi o que succedeu.

Em Gibraltar, não é permittido aos viajantes permanecerem na cidade por mais de doze horas. Eu teria, pois, de seguir viagem ou para a França ou para Portugal — porque tambem não poderia ficar na Hespanha, onde o movimento social tornou o governo prudente e desconfiado, temeroso da entrada de bolchevistas no territorio da monarchia.

De Gibraltar para a França eu não poderia seguir, pelas mesmas razões pelas quaes não podia desembarcar em Cette. O unico recurso, portanto, era seguir para Portugal, que decididamente não é o caminho de quem queria ir para a Suíça.

O visto do consulado portuguez foi facil de obter, mas entre passaportes, despezas varias, passagens e hotel, foram inteiramente consumidas as doze libras que eu levava.

A minha situação era critica. A viagem de Gibraltar a Lisboa é feita regularmente em trez etapas: Algeciras, Sevilha e Badajoz, cidades onde o viajante tem de deter-se e passar a noite para só continuar a viagem no dia seguinte. E eu estava sem nem uma *peseta* para occorrer a essas despezas... Afinal, omittindo-se aqui as difficuldades que tive de vencer, cheguei a Badajoz, na fronteira da Hespanha com Portugal.

## A QUESTÃO SOCIAL NA HESPANHA

*Na Hespanha, terra de fundo alento idealista e o idealismo que predomina nos sentimentos do povo e por isso eu creio que a revolução social, na terra do Cid, será um movimento generoso sem consequencias materiaes dignas de lastima. Todos os odios se fundido, então nessa mesma aspiração aventureira e ideal que impulsionava o cavalleiro andante da obra de Cervantes e que está na alma do povo iberico.*

Muito naturalmente, aproveitei aquella parada forçada para visitar os camaradas da *Federacion Obrera de Extremadura* afim de obter informações sobre o movimento operario da Hespanha, que eu vira tão vivo e tão intenso em Algeciras, Sevilha e outras cidades por onde passei e permaneci algumas horas.

O proletariado hespanhol está dividido em duas grandes organizações: uma, que abrange a Catalunha, Valencia, a Andaluzia, a Biscaya e alguns elementos isolados de outras provincias, é syndicalista revolucionaria, comprehendendo esta palavra no seu verdadeiro sentido; outra, que se estende pelo resto da Hespanha e que é a mais numerosa—não digo a mais forte—é socialista para acentar, com velleidades syndicalistas á Jouhaux. A Confederação Geral do Trabalho hespanhola, que é uma organização desta ultima tendencia, obedece á orientação do partido socialista parlamentar.

Os syndicalistas catalães, esses, são os verdadeiros revolucionarios da Hespanha. Os outros, os socialistas, desmoralizam-se pelas suas continuas ligações com os partidos burguezes e, na verdade, o governo hespanhol não os teme muito.

A revolução social na Hespanha, como de resto nos demais paizes da Europa, está proxima e é inevitavel. Lá, a questão não é tanto economica quanto moral. Economicamente, o proletariado hespanhol está melhor do que o de alguns outros paizes, como por exemplo o do vizinho Portugal. Mas o espirito profundamente clerical e reaccionario da monarchia está em conflicto formal com a mentalidade libertaria e idealistica do povo hespanhol. Na Hespanha, não ha concessões economicas que valham; o que poderia dar treguas á lueta social nesse paiz seriam largas reformas no territorio politico e uma mudança radical no modo de pensar da classe burgueza. Mas esta teima em querer conservar intactas umas tantas instituições antigas, incompativeis com o espirito do seculo e as exigencias do progresso.

O que contentaria, por exemplo, os camponeses, seria uma larga distribuição das terras dos latifundios; entretanto, os proprietários, especialmente os nobres, preferem muitas vezes deixar perder a colheita a attender ás reclamações dos trabalhadores rurais. Estes, de resto, já não querem sómente bons salarios: querem a terra para elles próprios, querem a divisão, entre os syndicatos rurais, dos terrenos baldios, das grandes propriedades religiosas e dos domínios dos *caciques*. É tambem o *caciquismo* um outro grande mal da bella terra de Hespanha. A acção nefasta dos *caciques* tem contribuído muitissimo para o descredito dos políticos. Até os socialistas vão sendo envolvidos nesse descredito.

Hoje, o grito dos camponeses e operarios de quasi toda a Hespanha, é este: *todos políticos, todos iguaes*.

Quem se aproveita desse estado de espirito são os syndicalistas catalães, que, felizmente, dia a dia conquistam mais adeptos, mesmo do seio da Confederação Geral do Trabalho.

Os syndicalistas catalães são homens de grande arrojo e tenacidade e não é sem razão que os conservadores os classificam de *más peligrosos inimigos de la monarquia*. A sua tactica assemelha-se ao *punch* dos *spartakistas* allemães, que consiste nas revoltas intermitentes, destinadas a trazer em continuo sobresalto os conservadores e a desorganizar os planos economicos da classe burguezia.

Os insuccessos dos syndicalistas da Catalunha são devidos á mesma causa das derrotas dos *spartakistas* allemães, isto é, á divergencia entre elles e os moderados. Si na Allemanha os Sociaes Democratas independentes agissem de accordo com os *spartakistas*, já o *Spartakus Bund* teria derrubado o bloco Scheldmann-Erzberger. Da mesma forma, si na Hespanha a Confederação Geral do Trabalho socialista unisse os seus esforços aos dos syndicalistas catalães, alguma cousa de decisivo e apreciavel já teria succedido na peninsula, no terreno da lucta social.

Passei pela Hespanha numa epócha de grande agitação social e tive occasião de consignar a grandeza e a firmeza do espirito idealistico que anima o povo hespanhol, especialmente a juventude. São as juventudes socialistas e syndicalistas, juntas aos estudantes, que tomam a dianteira das grandes agitações contra a burguezia ou o *caciquismo*. As universidades hespanholas assaz numerosas, são centros poderosos de irradiação idealistica e muitos cathedromaticos — conheci alguns — militam com valor nas organizações operarias e no partido socialista.

Si a monarchia hespanhola ha podido até aqui resistir a todos os embates, é porque tem as suas forças muito bem organisadas e encontra pela frente um inimigo dividido em duas tendencias profundamente oppostas—os socialistas de um lado e os syndicalistas catalães de outro. Mas quando essas duas tendencias se aproximarem uma da outra, os dias da monarchia dos Habsburgs estarão contados. O communismo russo vem realisando esta obra. Socialistas e syndicalistas começam a intitular-se maximalistas e todos vão adoptando de bom ou mau grado o principio da *dictadura proletaria*.

A lucta de classes, na Hespanha, tomou uma feição aguda e já passou do terreno especulativo da discussão para o terreno pratico da guerra social. As classes burguezia e proletaria, ao contrario do que succede entre nós, já não se consideram na Hespanha como negociadoras mas sim como belligerantes. O proletariado, nos seus movimentos, não esconde a intenção de subverter a actual ordem social da monarchia e estabelecer a sua dictadura. Durante as greves de Março findo, na Catalunha, um grande patrão industrial consentiu em attender a todas as reclamações dos seus operarios com a condição, porem, de estes não fazerem mais greves pelo espaço de cinco annos. Essa proposta provocou hilaridade na commissão dos grevistas e um delles, falando em nome dos seus companheiros, disse ao patrão: "Não quereis que façamos greves no espaço de cinco annos? mas dentro de cinco annos as vossas fabricas serão nossas..." Isto é significativo, revela um estado de espirito que é bem o prenuncio de acontecimentos decisivos.

Prevendo o proximo ataque definitivo ás suas instituições, a burguezia hespanhola organisa a sua resistencia. Para desenvolver o espirito militar no seu exercito, ella sustenta a campanha de Marrocos e aceita passivamente o dominio da classe militar que, por meio dos seus *clubs* politicos, governa os ministerios, manietta o rei e atemoriza o Parlamento. No interesse da sua defesa, a burguezia hespanhola chegou ao ponto de fazer reviver uma instituição medieval, os *somatenes*, que constituem hoje a *guarda blanca* dos maiores exploradores e industrias da Catalunha.

A origem dos *somatenes* é curiosa. Elles appareceram nos seculos XV, XVI e XVII, quando na Hespanha não havia ainda policiamento organiado. Os camponeses e pequenos proprietarios de Navarra e da Catalunha, afim de se defenderem dos bandos de salteadores que assolavam o paiz, organisaram entre si uma corporação de homens armados, que gosava de nu-

merosos privilegios. Bastava um toque de sino convencionado para que de todas as partes accorressem camponezes armados, em defeza da propriedade atacada. Esses homens eram os *somatenes*. Mas succedeu que mais tarde, á medida que os salteadores desapareciam, os *somatenes* iam-se substituindo a elles, de forma que se tornaram afinal o terror da população pacifica e um flagello muito peor que os antigos salteadores. Os catalães viram-se então obrigados a abolir os privilegios de que gozava a corporação dos *somatenes*, os quaes passaram dahi em diante a ser tratados como bandidos e tiveram de desaparecer a breve prazo.

Mas não desapareceram para todo o sempre porque agora os *caciquês* e os grandes industriaes da Catalonha estão tratando de fazel-os reviver. Desordeiros, antigos soldados e policiaes, burguezes, *moços donillos* e toda a escumalha turbulenta da sociedade, são hoje alistados na corporação dos *somatenes*, cuja nova missão é atacar grevistas, assassinar militantes syndicalistas, fazer provocações, emfim, auxiliar as autoridades constituídas por meios que a estas não são licitos.



## DOIS MEZES EM PORTUGAL

Cheguei a Portugal numa situação mais que precaria: sem dinheiro, desprovido de roupas de frio e levando n'alma a decepção de haver fracassado nos meus intuitos, isto é, de não ter conseguido chegar á Conferencia de Berna. Aqui passo por alto os meus dissabores e as minhas attribuições para não tornar mais longo este relato.

Assim que cheguei a Lisboa escrevi aos camaradas de Pernambuco, descrevendo-lhes a situação em que me achava e solicitando auxilio. Escrevi tambem a Léon Jouhaux, secretario geral da Confederação Geral do Trabalho franceza, comunicando-lhe que tinha vindo á Europa enviado pelos operarios do Brazil, com a missão de tomar parte na Conferencia Internacional Syndicalista de Berna; que, em vista de não ter podido chegar a tempo, iria regressar ao meu paiz e perguntando-lhe si, apezar disso, haveria ainda possibilidade e utilidade de ir á França.

Recebi de Jouhaux a seguinte resposta:

«Paris, 12 de Março de 1919.—Camarada—Recebi hoje a tua carta de 28 de Fevereiro, na qual me annunciias a tua chegada a Lisboa e me pedias intervir para que v. pudesse entrar em França afim de tomar contacto com as organizações syndicaes e de assistir á Conferencia Internacional si possível fôssa.

«Em primeiro lugar devo dizer-lhe que a Conferencia de Berna já está terminada e que preparamos uma outra para o fim do mez de Maio ou começo de Junho proximo. Estou disposto a fazer o necessario para lhe ser util e agirei segundo as suas indicações.

«No que concerne á carta que v. me encarregou de fazer chegar ás mãos do camarada Joaquim Moraes, não pude fazel-o porque ainda não fui visitado por esse camarada. Junto, pois, a esta a dita carta para que v. a faça chegar ao seu destino pela via mais expedita.

«Na espera de o lér em breve e renovando a minha intenção de dar-lhe toda a ajuda necessaria, queira receber, camarada, as minhas saudações fraternaes.»

LÉON JOUHAUX.

A esta carta respondi dizendo que esperava o recebimento de recursos do Brazil para então me dirigir para a França e perguntava si seria facil achar trabalho em Paris, o que me asseguraria uma longa estadia nessa capital.

Recebi de Jouhaux, a 4 de Abril, a resposta seguinte:

«Camarada Antonio Bernardo Canellas.—Em resposta á sua carta de 21 de Março corrente, posso dizer-lhe que é com prazer que nós o receberemos em Paris, si v. vier. Não creio que lhe

seja difficil desembarcar em França, dado que v. obtenha d'au-  
temão o visto do passaporte no Consulado Francez de Lisboa.

«Por outro lado, devo prevenil-o de que lhe será difficil  
obter trabalho em Paris, especialmente como typographo, porque  
ha actualmente uma falta de trabalho bastante intensa nesta cor-  
poração, devido á volta dos desmobiliados.

«No que concerne á Conferencia Internacional, os aconteci-  
mentos retardaram a sua realisação e fazem com que ella não se  
possa effectuar em Paris e nem na epocha fixada.

«Irei em breve á Hollanda para decidir a data e o local da  
Conferencia Internacional.

«Entretanto, gostaríamos de poder conversar consigo sobre  
o movimento operario brasileiro e de estabelecer assim relações  
mais directas entre nós e vós outros sobre a acção syndical inter-  
nacional a effectuar-se.

«Pois, si v. decide vir a Paris, queira fazer-nos saber o  
affim de que tomemos as nossas disposições para o receber.

«Na espera da sua resposta, etc. e etc.

LÉON JOUBAUX.

A 15 de Fevereiro e mais tarde em outras cartas  
eu havia escripto para Pernambuco annunciando a minha che-  
gada a Lisboa e pelos meados de Abril ainda não tinha rece-  
bido resposta alguma. Era grande a minha inquietação porque  
eu conhecia as difficuldades existentes para se ir á França e  
temia que, quando o dinheiro chegasse, já não houvesse mais  
tempo de aplainar essas difficuldades.

Em vista disso, resolvi obter allí mesmo em Portu-  
gal, por empréstimo, o dinheiro necessario para a viagem e  
foi o que fiz, resolutamente.

Tratei então de continuara viagem, mas o consulado fran-  
cez recusou-se a conceder-me o visto do passaporte. Escrevi  
novamente aos camaradas francezes, pedindo-lhes que interce-  
dessem para a obtenção do maldito visto. Demorando a res-  
posta, telegraphiei. Mas não recebi jamais resposta alguma do  
telegramma nem da carta.

Passou-se nisto uma quinzena. Foi então que recebi de  
Pernambuco um cheque telegraphico e, tendo já o dinheiro nec-  
essario para proseguir na viagem, resolvi recorrer a todos os  
meios para chegar á França.

Como o consulado francez não me punha o visto no  
passaporte, mister seria recorrer aos meios indirectos. Ora,  
precisamente naquelles dias, ia passar por Lisboa o paquete  
brazileiro *Benevente*, que se dirigia para Antuerpia. Com  
muita difficuldade, obtive nesse vapor um lugar de taifeiro e  
foi assim que consegui me transportar á Belgica. Não era para  
lá que eu queria ir, mas afinal a Belgica sempre fica mais  
perto da Franca do que Portugal.

A situação dos camaradas portuguezes parecia solidá  
e florescente, nessa occasião, Governava o paiz um ministerio  
novo que, sahido do grave embate da revolução monarchica,  
procurava pacificar o paiz, harmonisando as diversas corren-  
tes politicas. Si bem que não seja uma corrente politica a  
União Operaria Nacional de Portugal é contudo uma força  
popular digna de respeito e eram as sympathias ou a neutra-  
lidade dessa força que o novo ministerio procurava captar.  
Por intermedio do sr. Dias da Silva, ministro do Trabalho e  
socialista, o ministerio entrava ás vezes em relações officiosas  
com a U. O. N. a respeito de assumptos sociaes e numa certa  
ocasião, si bem me recorde, o secretario geral da central dos  
syndicatos portuguezes até chegou a assistir a uma reunião  
do Conselho de Ministros, a convite do respectivo presidente.  
Falava-se então no reconhecimento da União Operaria Nacio-  
nal, aspiração pela qual se vêm batendo de ha muito os syn-  
dicalistas portuguezes.

O movimento operario portuguez, é certo, não apre-  
senta a mesma intensidade nem o mesmo idealismo do movi-  
mento hespanhol. Mas, não só entre os militantes como em  
toda a massa dos trabalhadores organizados, existe uma grande  
pureza de convicções e um extraordinario espirito de sacri-  
fício.

A central syndical portugueza é a maior fôrça popu-  
lar do paiz e os governantes têm-se visto obrigados a tomal-a  
em conta durante mais de um momento grave.

Em Janeiro findo, por occasião da revolta monarchica,  
foi o operariado — elle só e mais ninguem — quem salvou a  
Republica e esmagou a reacção. Das forças armadas, uma  
parte seguiu os monarchicos e a outra manteve, a principio,  
uma neutralidade cobarde. Apenas os marinheiros se decidiram  
pela Republica desde o principio da revolta. Mas o operariado,  
corajosamente, foi quem primeiro tomou a armas na mão e  
quem subiu a encosta do Monsanto, á frente das tropas regu-  
lares, desalojando d'ahi as forças reaccionarias.

A Republica Portugueza agradeceu esse serviço ines-  
timavel e heroico mandando, 3 mezes depois, encerrar as orga-  
nisações syndicaes, prohibir a circulação da *Batalha*, o orgão  
da União Operaria Nacional, e prender numerosos militantes  
syndicalistas.

Eis ahi mais uma prova da eterna má fé da burguezia.  
O proletariado portuguez, generosamente, esquecendo de mo-  
mento as affrontas que tem recebido da Republica, deu lhe

um exercito de mais de 50 000 homens, organizado por iniciativa da União Operaria Nacional, que affixou na sua sede enormes letreiros, aconselhando aos operarios a conscripção militar. Si a central dos syndicatos portuguezes puzesse em acção todo o seu immenso prestigio e gritasse aos operarios que não marchassem, decerto elles não marchariam. Mas ella, comprehendendo o perigo da reacção, que tão estúpida e feroz se vinha desenhando nos territorios em que Paiva Couceiro conseguira estabelecer o seu dominio, fel-os marchar em defeza da ideia mais avançada — Republica — contra a mais retrograda — Monarchia.

O erro dos monarchicos foi o de não se mostrarem liberaes — que tambem pode haver uma monarchia liberal, mil vezes preferivel a uma Republica de energumenos, como o era a de Affonso Costa ou a de Sidonio Paes.

Quando Ayres d'Ornellas em Lisboa e Paiva Couceiro no Porto desfaldaram aos ventos da revolta a bandeira azul e branca, Portugal inteiro ficou na expectativa, indeciso e inquieto. O proprio governo do almirante Canto e Castro parecia pouco disposto a resistencia. Mas as tropelias de Solari Alegre no Norte, as revoltantes façanhas dos trauliteiros, os barbaros espancamentos do Eden-Theatro e do Aljube e as ferozes disposições do clero romano, aterrorizaram o povo, o qual se compenetrôu de que naquella lucta entre o velho e o novo regimen estavam em jogo a sua liberdade e o seu futuro.

Era com uma raiva concentrada, com um desesperado proposito de vencer ou morrer, que o povo de Lisboa tomava as armas contra os monarchicos e marchava para o Norte, a deter na frente de Aveiro o avanço das tropas realistas. Si o Regente—pobre Regente de comedia!—possuisse algum tacto politico e não fosse tão somente um valente militarão teria procurado desorientar a defeza republicana com promessas liberaes e certamente haveria conseguido assegurar-se a neutralidade do operariado que, esse, tinha da Republica queixas amargas. Mas a brutalidade de Paiva Couceiro, que desembestou por Portugal a dentro como si estivesse a estripar negros nos sertões da Africa, botou a perder a causa monarchica e, por esse lado, a Republica pode estar hoje bem certa da sua estabilidade. O perigo agora é outro, são os operarios, que reclamam o cumprimento das promessas a elles feitas pelos politicos da Nova e da Velha Republica.

Não obstante isso, a organização syndical portugueza não cogita por enquanto de instituir o regimen maximalista:

Todas as noticias que aqui nos chegam neste sentido não passam de mentiras propositadas, tendentes a justificar a repressão que o governo portuguez vem ha tempos exercendo contra as organizações que, mezes atraz, o defenderam dos ataques realistas.

Os portuguezes esperam que a revolução triumphe na Alemanha, França e Inglaterra para então fazerem n'a tambem em Portugal. Si elles a fizessem agora — e elementos para isso não lhes faltariam — seriam provavelmente esmagados pela *Entente*, cujas esquadras bloqueariam facilmente a pequenina terra portugueza.

Os nossos camaradas portuguezes estão, portanto, nesta situação: si fazem agora a revolução social, serão fatalmente esmagados pela Inglaterra e outros paizes aliados, que se arvoraram em tampões anti-bolchevistas; e em não a fazendo, têm de supportar a tyrannia intoleravel dos governantes que, nestes ultimos tempos, redobraram a perseguição contra os elementos conscientes do proletariado, prendendo trabalhadores às centenas, espancando grevistas na praça publica e impedindo arbitrariamente a circulação da imprensa operaria. Ultimamente, o governo portuguez chegou ao extremo de instituir a censura *sómente* para a *Batalha*, o diario dos trabalhadores. Esta revoltante medida de excepção evidencia o espirito intolerante e reaccionista do actual governo da Republica que —ô ironia!—é presidido por um republicano da propaganda, desses que se intitulam *puros e verdadeiros*.

## NA BELGICA

Apoz oito dias de fastidiosa viagem, o *Benevente* chegou a Antuerpia, na Belgica, onde defrontei com espinhosas dificuldades para desembarcar e continuar a viagem, ou para a França ou para Amsterdam, onde se iria realizar a Conferencia Syndicalista Internacional.

E' da minha obrigação expressar aqui o quanto devo ao vice consul do Brazil em Antuerpia, a quem expuz os fins da minha viagem e que obteve o meu desembarque do *Benevente*, cujo commandante se mostrava intratavel para commigo desde que soube quem eu era.

«Não lhe dou o desembarque! Que absurdo, vir tomar parte em conferencias socialistas com passagens grátis no Lloyd!» —dizia-me elle indignado.

Achei mais conveniente seguir logo para a Hollanda, onde aguardaria em Amsterdam a realisação da Conferencia Internacional mas, apesar da boa vontade do vice-consul do Brazil, o consulado hollandez demorou a conceder-me o visto do passaporte. Voltei-me então para o *Bureau Inter-Allie* de Bruxellas e obtive facilmente o visto no consulado francez. De alguma cousa me havia de servir a nossa qualidade de paiz aliado...

Na Belgica, assisti perto de um mez. Foi lá, naquella boa Antwerpen, que passei o 1.º de Maio. Era um dia chuvoso e glacial e tão fria estava a atmospheria quanto o entusiasmo dos trabalhadores flamengos. Não houve greve geral. Apenas, aqui e acolá, ajuntavam-se grupos de manifestantes, com o retrato de Vandervelde no chapéu e fiorsinhas vermelhas á lapela. Os plainos do paiz de Flandres e da Wallonia são na verdade o maior pantano social-democrata da Europa.

A Belgica, no ponto de vista da organização operaria, está num nível bastante elevado. Na epocha em que por lá passei, a organização operaria estava em reconstituição porque a occupação allemã tudo dispersara. Deve, porem, constituir objecto de admiração a maneira pela qual os trabalhadores belgas, em pouco mezes de paz, conseguiram dar á sua organização o mesmo vigor que antes da guerra ella possuia.

A organização operaria belga é socialista parlamentar. Os chefes do Partido são os srs. Vandervelde, presidente do conselho de ministros e Huysmans, ministro do Exterior. O mais popular e o mais avançado dos dois é o *camarada* Huysmans e Vandervelde é geralmente apontado como trahidor, á

causa da sua amizade com o rei e da sua acção *post-bellum* que tem sido de reconstrucção capitalista em vez de ser de construcção socialista, como era logico que fizesse um homem que se intitula socialista dos mais *enragés*.

Actualmente, o prestigio de Vandervelde diminue muito em favor do de Huysmans o qual não é todavia sufficientemente avançado para merecer a confiança do operariado de tendencias bolchevistas que tem apoio nas juventudes socialistas e nos syndicalistas revolucionarios. Foram os syndicalistas e as juventudes socialistas que fizeram ultimamente uma pressão sobre o partido e o obrigaram a se associar á manifestação do 21 de Julho, embora elle só o fizesse por meio de comícios, como na Inglaterra.

Entretanto, os syndicalistas, com Jacquemotte á frente e as juventudes socialistas, continuam e intensificam a sua acção saneadora no seio da organização operaria belga e é de esperar que dentro em breve esta se livre da influencia corruptora de Vandervelde, o aulico do rei e de Huysmans, o social-patriota anti-bolchevista.

Essa mesma corrente extremista procura desviar a organização operaria belga da sua posição de satellite das Trade-Unions inglezas, approximando-a da C. G. T. franceza, embora a orientação actual desta ultima pouco discrepe da dos inglezes. Ultimamente foi negociada uma alliança syndica franco-belga, visando especialmente os ferro-viarios e os mineiros.

## NA FRANÇA... EMFIM!

De posse do visto do passaporte, tomei em Bruxellas o trem de Amsterdam e cheguei afinal a Paris aos 24 de Maio, precisamente no começo da grande agitação operaria que mais tarde, nos principios e meados de Junho, ameaçou conduzir á greve geral o proletariado francez e conduzi-o-bia talvez a revolução si a Comissão Confederal da C. G. T., por meio de habeis manobras, não houvesse acalmado o operariado, desviando o perigo e salvando mais uma vez o gabinete Clemenceau e as instituições burguezas da França.

Sobre a minha acção junto á central dos syndicatos francezes, pouco tenho a adiantar porque sempre procurei actuar por fóra, colhendo as minhas impressões no seio dos proprios trabalhadores.

Na Confederação Geral do Trabalho de França reina o preconceito burguez das pequenas e grandes potencias: eu, como representante d'uma nação sul-americana e portanto de uma pequena potencia, fui recebido com deferencia, é certo, mas não com grande interesse. Não obstante, fiz o possivel para dar á comissão confederal da C. G. T. uma ideia approximada do movimento operario brasileiro, das suas tendencias e da sua historia. Fiz isso não somente em conversações pessoais, como tambem por meio de artigos que publiquei na *Voix du Peuple*, o boletim mensal da C. G. T. Um, sobre o movimento operario brasileiro, a sua historia e o seu estado actual e outro sobre a legislação operaria no Brazil. Alem disso, escrevi uma descripção do movimento grevista de 18 de Novembro de 1918 no Rio de Janeiro e das greves da Argentina.

Os nossos camaradas da Europa vivem numa ignorancia quasi absoluta das nossas cousas. «Paris é a França, o Occidente, a Terra...» Todo o bom francez está convencido dessa affirmacão positivista e por isto pouco lhe importa o que succede lá-bas, nesses longinquos paizes *semi-selvagens* da Sul-America. Na França ignora-se a nossa lingua, a nossa extensão territorial e a riqueza das nossas terras, tanto como a nossa historia, os nossos costumes, o nosso desenvolvimento intellectual e a nossa organização syndical. Estou escrevendo uma série de conferencias sobre a historia do movimento operario no Brazil, entremediada de referencias aos nossos costumes e á nossa geographia, para realisar-as perante os camaradas francezes. Penso que assim contribuirei eficazmente para o desaparecimento dessa ignorancia, que só pode ser prejudicial á nossa reputação e aos nossos interesses. A união dos proletarios de

todos os paizes deve ser um facto. Neste sentido, seria excellente estabelecermos um intercambio de elementos com os principaes paizes da Europa—isto é, enviarmos para lá, periodicamente, alguns militantes do nosso meio, operarios de *elite* que convivessem alguns mezes com os camaradas europeus, trabalhando com elles, informando-os da nossa situação, fazendo-os comprehender a nossa mentalidade e que na sua volta para o nosso meio nos referissem o resultado das suas observações sobre o movimento operario do Velho Mundo; em troca, as organizações operarias da Europa façam o mesmo a nosso respeito. É esta uma solução mais digna que a dos *attachés sociaux* junto ás embaixadas, proposta na Conferencia de Amsterdam.

Poucos dias antes da realização da conferencia de Amsterdam, mostrei a Jouhaux a copia do telegramma que a elle tinha sido enviado pelo proletariado de S. Paulo, no qual telegramma lhe era pedido que levasse ao conhecimento da comissão de legislação do trabalho da Conferencia da Paz a maneira estúpida como o governo paulista encara a questão operaria e reprime as reivindicações dos trabalhadores. Jouhaux declarou-me não haver jamais recebido tal telegramma e prometeu-me levar o caso ao conhecimento da Conferencia da Paz, caso nella voltasse a tomar parte — o que não succedeu.

Em Paris, cuidei de procurar trabalho para ir passando até chegar a data da conferencia de Amsterdam. Ao mesmo tempo, esperava que chegassem recursos do Rio ou de Pernambuco para custear as despesas da ida á Hollanda e do regresso ao Brazil.

Infelizmente, o dinheiro enviado do Rio (500 frs.) só chegou ás minhas mãos trez dias depois da abertura dos trabalhos da Conferencia Internacional e o de Pernambuco 1.100 frs. um dia antes do meu embarque para o Brazil. Por ahi se vê que, si a minha missão não teve um desenvolvimento maior, a culpa não foi minha. Fiz o que pude. Demais, não me era por forma alguma agradável a perspectiva de passar um outro inverno na Europa, sem dinheiro e sem roupas de frio, ao sabor da aventura... No clima de Lisboa ou da Hespanha meridional, ainda poderia ser que eu me permitisse por uma segunda vez essa phantasia perigosa; mas na latitude de Paris ou da Hollanda, positivamente, isso era demais para as minhas forças.

Antes, porem, de terminar a descripção desta viagem, quero transmittir aos meus camaradas do Brazil as minhas conclusões sobre a situação geral do movimento social na Europa (tomando a França por comparação), sobre a greve do 21 de Julho e a Conferencia Internacional Syndicalista de Amsterdam.

## A SITUAÇÃO GERAL DO MOVIMENTO SOCIAL NA EUROPA

*Por motivo da sua situação geographica, politica e economica, a França é como uma synthese da Europa occidental. Creio, pois, que é razoavel estudar a situação geral do movimento social na Europa, através da situação da França.*

Muito estudo é necessario para bem se comprehender a situação actual do proletariado europeu. São tantas as questões em curso e tão numerosos e diversos os pontos de vista sob os quas ellas são tratadas, que se torna difficil predizer com exactidão qual a directriz que vae tomar o movimento social na Europa.

É innegavel que o exemplo da Russia exerce uma irresistivel fascinação sobre o espirito das massas trabalhadoras organisadas, mas por outro lado uma poderosa corrente moderadora faz insinuar habilidosamente a sua influencia contra-revolucionaria sobre a acção social das mesmas massas.

Essa corrente moderadora, que tem o seu quartel-general nas Trade-Unions e na Confederação Geral do Trabalho de França, compõe-se de duas especies de elementos: os que se comprometteram com a burguezia durante a guefira, collaboraram na defeza nacional, tiraram excellente proveito dessa cooperação vergonhosa e indesculpavel e querem continual-a, e os que se atterram com a perspectiva da fome e da miseria que se seguiriam provavelmente a uma revolução social realisada neste momento. Não posso affirmar com certeza si Léon Jouhaux, a principal cabeça da corrente moderadora e reformista, pertence á primeira ou á segunda dessas cathogorias. Outrotanto não digo com relação a outras figuras eminentes do moderantismo francez, pois a maneira pela qual ellas se tornaram moderadas deixa logar aduvidas sobre a sinceridade das suas convicções revolucionárias.

Refiro-me particularmente ao moderantismo francez, porque é o que conheço mais de perto e porque creio ser elle a alma de todas as correntes moderadoras que actualmente, no seio do operariado europeu, retardam e prejudicam a marcha da revolução.

É evidente que a actual situação da Europa é em grande parte devida á guerra. A guerra, é certo, appressou o dia da revolução, mas a crise economica por ella determinada, vae

encher esse dia de difficuldades desanimadoras. Será mais conveniente affrontar essas difficuldades ou adiar a revolução social? Os moderantistas Jouhaux e Bidegaray, os *ralliés* Merheim e Dumoulin, as Trade-Unions, as centraes syndicaes da Hollanda, Alemanha e Hespanha, participam da ultima-dessas opiniões. Os extremistas têm todavia razão quando dizem que a hora da revolução é a hora presente e que mais tarde, quando a burguezia, de collaboração com os reformistas do syndicalismo, houvesse resolvido os problemas suscitados pela guerra, teria passado a oportunidade de fazer a revolução.

Aliás, a burguezia de alguns paizes, ella propria, não procura essa collaboração com o operariado organizado, que os moderados syndicalistas preconizam, quando só isso é que a salvaria. Os moderantistas do syndicalismo offerecem a burguezia a taboa de salvação e ella, estupidamente, afasta-a com o pé. Já é vontade de morrer...

A C. G. T. varias vezes tem proposto ao governo a criação d'um Concelho Nacional Economico, instituição essa que, sem dar ao operariado a emancipação total, constituiria um optimo negocio para a burguezia porque lhe daria seguras possibilidades de resolver a crise economica do paiz sem grandes sacrificios nem perigos de revolução. Mas só porque esse Concelho Economico importaria n'alguns ensaios de socialisação e na concessão de algumas particulas de poder executivo ás organizações syndicaes, o governo Clemenceau não tem dado acolhimento ás propostas confederaes. Dessa intransigencia resultará que, por maior desejo de conciliação que o anime, o proletariado francez será impellido para as fileiras dos extremistas — isto é, dos minoritarios confederaes e dos maioritarios socialistas. Os proprios maioritarios confederaes, si não quizerem ser postos á margem, terão de se deixar impelir para o extremismo, uma vez que não podem dar desenvolvimento e applicação ás suas theorias de collaboração de classes, visto uma das classes interessadas, a burguezia, recusar-se a essa collaboração — só a querendo d'uma maneira incondicional, que representaria, para o proletariado, a franca abdicación dos seus direitos mais sagrados, quasi a escravidão.

A burguezia alemã, mais esperta, ou, talvez, forçada por necessidades mais prementes, vae acceltando a collaboração do operariado organizado e submetteu-se á criação de Concelhos de Operarios nas suas fabricas e officinas. Desta maneira, ella conseguiu immobilisar na tarefa conservadora da reconstrução nacional uma boa parte dos 6 milhões de associados

da Comissão Geral dos Sindicatos da Alemanha. Apenas os mineiros, os ferro-viários e outras corporações adherentes ao grupo Spartacus mantêm accessa a chama revolucionaria das massas populares, combatendo a theoria da collaboraço de classes. Na Inglaterra, tambem se nota uma tendencia para imitar a burguezia alemã mas parece que no Reino Unido a collaboraço do operariado com a burguezia serã mais no terreno politico do que no economico. No terreno economico, não pode haver na Inglaterra nenhum accordo uma vez que o operariado quer decididamente a *nacionalisaço* das minas e dos transportes *sem transferil-os ao Estado*, ao passo que a burguezia, e isso em ultimo caso, apenas se conformaria com a *socialisaço pelo Estado* das minas e dos transportes, que é cousa bem differente.

Os problemas da guerra causam medo aos militantes syndicalistas, que não se sentem com a coragem necessaria para resolver-os sosinhos.

É o problema economico, é a perspectiva da fome inevitavel que se seguirá á revoluço, que esfria o entusiasmo de certos militantes do syndicalismo e do socialismo europeu, servindo ao mesmo tempo de capciosa justificativa ao moderantismo calculado de outros elementos mais. Entretanto, mesmo sem a revoluço, está-se passando fome...

A guerra desorganizou profundamente a produço na Europa. Ella roubou ao trabalho, factor real da produço, milhões de braços preciosos. A Europa está presentemente na situação de não poder produzir o necessario para a sua propria manutença. O *deficit* da produço, inevitavelmente, terá de vir de fóra, das colonias e das duas Americas. Qualquer interrupço na vinda de subsistencias de além mar darã em resultado a fome. Como evitar essa interrupço desastrosa?

Os effectivos dos sindicatos operarios europeus, com a terminação da guerra, augmentaram immensamente em numero e portanto em força. A C. G. T. franceza, que antes da guerra contava com cerca de 300.000 associados somente, arregimenta agora perto de 2 milhões. A C. G. T. italiana que, de resto, não é a unica grande organizaço syndical da península, contava antes da guerra com effectivos ainda menores que os da sua congénere franceza; pois actualmente conta com um milhão e quatrocentos mil associados, segundo a ultima estatística publicada no *Avanti*. Nos outros paizes o augmento, sem ser da mesma proporço, foi contudo consideravel.

De forma que as grandes centraes syndicaes, a Confe-

deraço Geral do Trabalho, a Confederazione Generale del Lavoro e as Trade-Unions adquiriram uma força como jamais possuiram e estão realmente em situação não apenas de causar inquietaçõ aos governantes, mas até de realizar a revoluço social.

Na França, a unica força organizada é de facto a C. G. T. O governo francez, desvairado pela loucura imperialista, não possui nenhum plano, nenhum systema de organizaço para fazer face á crise economica que assoberba o paiz e ameaça conduzil-o á ruina. Os recursos que deveriam ser empregados na reconstrucço das regiões devastadas, na organizaço de uma frota mercante eficiente e no equilibrio do orçoamento, são desviados para sustentar Koltchak, Denikine, Youdenitch e outros caudilhos cuja impotencia em face da revoluço russa está bastamente demonstrada por muitos mezes de fracassos e derrotas que já teriam sido decisivos si o dinheiro francez, as muniçoes e os canhões francezes não estivessem sempre a dar força nova aos reaccionarios russos. Um grande exercito, uma frota dispendiosissima, são ainda mantidos no Rheno, no Oriente europeu, na Africa, nos mares Baltico e Negro, para assegurar o florescimento do imperialismo francez, apesar de a naço necessitar extremamente de homens e de dinheiro para a sua reconstrucço economica. A populaço está ameaçada de passar o inverno sem carvão, o que é pavoroso no clima da Europa; muitos generos de consumo escasseiam, outros, como o assucar, faltam quasi completamente, e muitos outros estão por preços prohibitivos, devido á falta de transportes maritimos, á insuficiencia dos serviços ferro-viarios e ao mais escandaloso dos proteccionismos, mas o governo Clemenceau não deixa, com um meticuloso cuidado, de fomentar a organizaço e o poderio militares da Polonia, da Rumania, da Finlandia e dos varios pequenos governos reaccionarios da Russia, gastando nessa empreitada criminosa rios de dinheiro e empregando navios que seriam evidentemente mais uteis no transporte das carnes e do trigo da Argelia e das materias primas das colonias longinquoas.

Por outro lado, os trabalhadores cerram fileiras em torno da sua organizaço central. Os operarios dos transportes, os funcionarios publicos com a policia inclusive, os correios e telegraphistas, os inscriptos maritimos, enfim, todas as categorias de operarios e agora alguns nucleos importantes de camponezes, obedecem ao *mol d'ordre* da C. G. T. e possuem a *endurance* e a consciencia necessarias para executar qualquer plano de açõ que aquella se decidir levar a cabo. Eu sustento que só a Confederação Geral do Trabalho é capaz de salvar a França do abysmo a que a guerra a conduziu.

Toda a questão consiste em a C. G. T. se decidir.

A Confederação Geral do Trabalho de França, em razão do prestígio histórico deste país, prestígio que a guerra augmentou bastante, tornou-se o eixo da acção internacional operária na Europa. Uma decisão energica da C. G. T. será automaticamente secundada pelas congêneres dos países vizinhos, especialmente pelos allemães. Estes, em particular, esperam tudo da França. Pela mesma razão, uma fraqueza, uma capitulação qualquer da organização syndical franceza, exerce um effeito deprimente sobre o operariado dos países vizinhos. A capitulação vergonhosa do 21 de Julho demonstrou bem a que grão pode attingir esse effeito deprimente.

Fiz toda esta digressão para pôr em relevo a importância de que se revestirá uma modificação na acção da Confederação Geral do Trabalho de França. Essa acção, desde o fim das hostilidades para não remontar aos tempos da guerra tem sido dubia, incolor, singularmente fraca e transigente. De quem é a culpa? Da massa dos trabalhadores organizados de certo que não é. Estes provaram no dia 1.º de Maio, nas grandes greves de Junho e em outras occasiões mais que estão inclinados, que desejam mesmo uma acção energica e decidida. Ali! não são os valentes e generosos trabalhadores de França que têm a culpa, não. Os culpados são os funcionarios syndicaes, que dão á sua falta de coragem, á sua curteza de vistas, á sua calculada transigencia, os nomes honestos de *prudencia*, *serenidade* e *sabedoria*.

No primeiro de Maio, quando as manifestações ameaçavam degenerar em revolta, elles, os funcionarios syndicaes, pediam aos trabalhadores que se acalmassem, que regressassem ás suas casas — o mesmo que o governo e a policia pediam. Durante as greves de Junho, quando mais de quinhentos mil grevistas pediam o auxilio da C. G. T. e a decretação da greve geral, elles deixaram os grevistas abandonados ás suas proprias forças e expuzeram-n'os a tremendas derrotas sob o capcioso pretexto de que uma greve geral naquelle momento viria prejudicar a outra, a que se projectava em defeza da revolução russa. Na vespera desta outra, aos 19 de Julho, os mesmos funcionarios syndicaes, de seu proprio arbitrio, suspenderam a manifestação somente porque o sr. Boret, obscuro ministro dos Abastecimentos, havia sido demittido. É o caso de perguntar a Jouhaux que relação poderá haver entre a demissão de um ministro dos abastecimentos e a intervenção dos alliados na Russia, em protesto da qual e não contra o sr. Boret a greve tinha sido decidida. É certo que elle não poderia descobrir entre essas duas ordens de factos nenhuma relação proxima ou longinqua. O que elle poderia allegar — e de facto o fez no seu famoso dis-

curso perante o Congresso Nacional da C. G. T. reunido no dia 21 de Julho — é que nem elle nem os demais funcionarios syndicaes desejam a revolução.

E que de bellas occasiões se têm apresentado para fazer a revolução! Entre os camaradas francezes, eu ouvia frequentemente dizer que existia na França uma situação revolucionaria mas que não haviam revolucionarios. Acho demasiado pessimista esta affirmação: o que eu digo é que ha na França uma situação revolucionaria e que tambem lá existem revolucionarios; mas o que falta aos francezes é uma *organização revolucionaria*, semelhante ao Grupo Spartacus da Alemanha, ao secretariado da dissidencia syndical hollandeza ou ao antigo partido bolchevista da Russia. O grupo da *Vie Ouvrièr* parece querer vir a constituir em breve essa organização de que fallo mas, por enquanto, elle está muito aquém das necessidades do momento. Si houvesse na França uma organização revolucionaria, os successos de Toulon, Brest e Toulouse haveriam tido outro resultado e os marinheiros da esquadra do Mar Negro não estariam hoje nos presidios da Africa a purgar o crime de se haverem nobremente recusado a bombardear a população civil de Odessa e Sebastopol. Foi nessa occasião que a situação revolucionaria esteve mais definida: no Mar Negro, os marinheiros francezes arvoraram nos mastros dos seus navios a bandeira vermelha da revolução e obrigaram o commandante da esquadra a fazel a regressar immediatamente para a França, deixando em paz os bolchevistas de Odessa e de Sebastopol; dias depois, em Toulouse, a guarnição militar, impacientada, sahio para a rua a reclamar a desmobilização immediata e fraternizou com os operarios; em Brest, succederam factos identicos e chegou-se até a constituir um Conselho de Operarios e Marinheiros e finalmente em Toulon os marinheiros da esquadra do Mediterraneo abandonaram os respectivos navios e foram para um arrabalde da cidade, onde fizeram um *meeting* monstro, exigindo a amnistia dos seus camaradas da esquadra do Mar Negro, a desmobilização e a reorganização de certos serviços da armada. Fizeram-se discursos revolucionarios e o commandante da praça, afim de acalmar os animos, prometteu aos marinheiros tudo o que pediam e mais o que quizessem... Note-se que isto succedeu precisamente por occasião das grandes greves de Paris que, só pela parte dos metallurgicos, abrangem perto de 300.000 homens. Si, como os grevistas pediam, a C. G. T. decretasse a greve geral, este movimento viria juntar se ás supracitadas amotinacões militares de Toulon, Brest e Toulouse e será facil de advinhar o que resultaria dessa acção em conjuncto dos operarios, soldados e marinheiros da França.

O estado de espirito das classes desmobilizaveis, es-

as que estão nas fileiras desde o princípio da guerra, é todo favorável á classe operaria. Esses homens, que viveram chafurdados durante cinco annos na lama das trincheiras, longe da familia e em frente do inimigo, esses heroes apenas tiveram para seu consolo depois da Victoria, o famoso premio de 700 francos, que elles não sabem como e quando receberão; mas os *profiteurs*, quanto ganharam elles? quanto ganharam certos ministros e os barões industriaes do *Comite' des Forges*? É natural, portanto, que os *poilus* não estejam satisfeitos com o resultado da guerra. O governo só conta seguramente com as classes novas, especialmente essas que foram incorporadas ao exercito no fim das hostilidade ou durante o armisticio. É curioso notar-se que, aquelles que foram á guerra voltam desiludidos do patriotismo, da gloria militar e da valentia guerreira, ao passo que os que lá não foram ainda, conservam intactos esses sentimentos bellicosos. Donde se poderá talvez concluir que a guerra é tambem uma boa propaganda pacifista.

Mais fieis ainda do que as classes jovens, são as tropas coloniaes — siamezes, indo-chinezes, senegaleses, marroquinos e etc. — toda uma borda de selvagens que veio dos confins da Asia e da Africa defender a causa da Civilisação... imagine-se com qual consciencia! É nestes homens que se firma a estabilidade das instituições burguezas da França em face do movimento operario.

Todavia pude observar que as taes tropas coloniaes não são assim tão firmes como parecem. No dia 14 de Julho — *le jour même de la Victoire* . . . —, tendo-me eu approximado d'uma companhia de atiradores marroquinos que, apoz o desfile, descansava sob as arvores do Boulevard Magenta, ouvi um d'elles falar sobre socialismo n'uma roda de populares que, como eu, foram para junto delles atrahidos pelos seus uniformes bizarrros, aos quaes as poupas que elles deixam crescer á moda dos *saguins* e os topetes, contrastando com o corte á *escovinha* do resto dos cabellos, davam um tom ainda mais pittoresco — e evidentemente pouco gracioso porque as *midinettes* delles se afastavam, não sei si atemorizadas pelo selvatico aspecto que esses adornos capilares lhes emprestavam ou si despeitadas por verem que a moda dos cachos de cabello junto ás orelhas já era observada em Marrocos pelo sexo feio, antes de ser praticada em França pelas senhoritas. Assim, pois, o bravo atirador marroquino referia aos circunstantes que era socialista e que, com essas mesmas ideias, haviam outros soldados na sua companhia.

Com isto, não quero levar ninguem a crer que seja lá grande cousa o socialismo herbere e marroquino: a minha intenção é tão sómente fazer notar que os elementos ethn-

cos afrazados — os negros e os asiaticos — não são insensiveis á penetração das ideias socialistas e que portanto a tyrannia que pensar em apoiar-se exclusivamente sobre elles, poderá muito bem vir a cahir pela baze quando menos o cuidar.

Ora bem: e deante disto pode-se dizer que não ha revolucionarios na França? Quem são, pois, os revoltosos da esquadra do Mar Negro, os marinheiros de Brest e de Toulon, os soldados de Toulouse e esses braves grevistas metalurgicos de Paris?

O que era de desejar é que a acção revolucionaria do proletariado francez, antes de se dirigir contra o Estado e os capitalistas, se dirigisse contra os elementos moderantistas que se estabeleceram no seu seio e que se tornaram uma especie de dirigentes das organizações syndicaes, conduzindo-as ao sabor dos seus interesses. Repellida a acção desses moderantistas suspeitos, a C. G. T. retomará o espirito que possuia antes da guerra — o espirito revolucionario do verdadeiro syndicalismo.

Chego, pois, as conclusões seguintes:

1.º — A guerra creou, especialmente na Europa, uma situação economica que os governos não sabem e nem podem resolver;

2.º — Os governos europeus, muito ao contrario de enveredarem ao menos pelo caminho da democracia bem comprehendida, trilham a senda do reaccionarismo mais retrogrado e portanto o operariado não poderá esperar delles nenhuma concessão de valor;

3.º — As organizações operarias, com a terminação da guerra, augmentaram immenso em força e prestigio e estão em condições de dar inicio á revolução social;

4.º — A revolução social ainda não teve inicio na Europa devido á opposição de uma corrente moderadora composta quasi exclusivamente de timoratos ou vendidos, elementos esses que têm assento na direcção das organizações syndicaes de certos paizes;

5.º — A revolução social na Europa, feita actualmente, seguir-se-ha um periodo critico em que o problema das subsistencias se tornará premente, mas que a capacidade organizadora e a consciencia revolucionaria das massas operarias europeas saberá vencer, embora com grande esforço;

6.º — O proletariado da America tem o dever de se preparar igualmente para a revolução, afim de poder auxiliar os seus irmãos da Europa no momento em que estes, tendo destruido o actual estado de cousas, se vejam a braços com uma situação difficil no ponto de vista alimentar. Devemos proceder de forma a que as Americas não se tornem o refugio da burguezia internacional e a que o abastecimento da Europa revolucionada se intensifique na medida necessaria, longe de cessar, como aconteceria si o regimen burguez continuasse a dominar nas Americas apòs haver findado no Velho Mundo.

## A GREVE DE 21 DE JULHO

*A greve internacional do 21 de Julho seria a acção mais importante até então realizada pelo proletariado internacional. Ninguém pode avaliar a extensão e as consequências que tal movimento teria mas decerto elle conseguiria ao menos pôr termo á criminosa intervenção dos aliados nos negocios internos da Russia e o proletariado internacional teria assim prestado á Republica dos Soviets um auxilio inestimavel. A prudencia, a serenidade e a sabedoria dos moderantistas não permittiu que isso acontecesse. Entretanto, a revolução russa supportou esse golpe traiçoeiro ao passo que elles, com a sua traição, desmoralisaram-se definitivamente aos olhos do proletariado consciente.*

Cada vez mais se exaltava o animo das massas trabalhadoras da Europa Occidental porque, faltando ás promessas por diversas vezes feitas ao operariado organizado, iludindo a opinião publica com declarações falsas e sophismando os factos, os governos da *Entente* continuavam (e continuam ainda) a guerrear a revolução russa, não só auxiliando ostensivamente os caudilhos czaristas, como até enviando tropas contra os *soviets* na Murmanian, na Russia Menor, no Caucaso e na Siberia.

Os protestos indignados dos socialistas no parlamento e na imprensa; as *demarches* das organizações syndicalistas; o murmúrio da opinião publica e os actos isolados de protesto de alguns homens de coragem, como Cottin, Cornillon e Knæller de nada valiam. Nem a recusa dos regimentos gregos e francezes de combaterem contra os ruszos em Kherson, Nicolaieff e Odessa; nem mesmo a revolta da esquadra franceza do mar Negro demoveram os chefes de Estado da *Entente* da empreza criminosa a que se entregaram em defeza dos capitães aliados e da estabilidade do regímen burguez, seriamente ameaçados pela revolução russa.

Foi então que alguns *leaders* socialistas e outros tantos funcionarios syndicaes, não pela sua propria vontade, mas cedendo á pressão das massas trabalhadoras, resolveram combinar uma acção em conjuncto do proletariado occidental em defeza da revolução russa, contra a intervenção dos aliados nos negocios da Russia, e em protesto contra a orgia imperialista desencadeada por esse monstruoso tratado de paz imposto aos povos por um conselho de cinco despotas, orgia que mantém ainda em pé de guerra varios milhões de homens, apesar de a guerra estar acabada e não haver mais possibilidade alguma de a Allemanha recomeçar-a.

Si bem me recorde, foram os inglezes que tomaram a

iniciativa desse movimento. Já estava eu em Paris quando por lá passaram Carlos Buxton e Ramson Mac Donald, do Labour Party que, acompanhados de Longuet, pelo Partido Socialista Francez e de Léon Jouhaux, pela C. G. T. franceza, partiram para a Italia afim de se encontrar em Milão com a delegação das organizações operarias italianas para então combinarem uma acção em conjuncto do proletariado dos respectivos paizes contra a obra dos Wilson, Lloyd George e Clemenceau. O governo italiano, assaz embaraçado com os servios, croatas e slovenos, que disputam a Italia o dominio do Adriatico, não tem posto grande empenho no combate aos maximalistas, limitando-se a manter na Russia alguns batalhões de alpinos somente. Mas apesar de a sua acção sobre o seu governo, mesmo sendo victoriosa, pouco poder adeantar aos revolucionarios russos, cujos inimigos mais encarniçados são os governos da Inglaterra e da França, os italianos adheriram com entusiasmo á proposta dos delegados franco-inglezes, ficando assentado que aos 17 de Junho se reuniria em Paris uma conferencia operaria inter-alliada cujo fim seria o de combinar a acção projectada. Essa resolução da conferencia de Milão produziu uma impressão formidavel não só entre os operarios como tambem — o que era natural — entre os burguezes e os governantes.

A acção das centraes syndicaes da França e da Italia e das Trade-Unions inglezas só poderia revestir a forma d'uma greve geral internacional porquanto, até alli todos os meios suassorios tinham falhado inteiramente devido á intransigencia burgueza, á cega ferocidade com que os governos aliados atacavam a republica dos soviets dos operarios, soldados e camponezes da Russia.

Os operarios recebiam favoravelmente a ideia da greve geral internacional em favor da revolução russa, uma vez que essa revolução concretisava uma ardente aspiração do proletariado; os governos, porém, atterram-se com a perspectiva de um tão vasto movimento e dispuseram-se a impedir-o por todos os meios. O choque entre essas duas correntes era inevitavel e talvez dahi sahisse o inicio da revolução social. Foi então que os reformistas e os moderados, cujo medo da revolução subrepuja até o sentimento da dignidade e do cumprimento da palavra empenhada, puzeram-se a pensar no meio de evitar o choque, custasse o que custasse. Na Italia, devo dizer o, não houve, mesmo entre os syndicatos catholicos, nenhuma opposição ao projecto da greve geral internacional. Tanto assim que a organização dos reformistas italianos, enviou o seu *amicus pontifice* — Alceste De Ambris — á Conferencia de Paris. De Ambris já esteve no Brazil, onde veio, a convite de alguns membros da colonia italiana de S. Paulo, dirigir um jornal socialista; isto já ha bastantes annos. Foi para mim uma

doce consolação encontrar alli, n'aquelle meio ignorante das cousas do Brazil, um camarada que já tinha convivido com o operariado brasileiro, embora n'uma epocha em que este ainda estava mergulhado no somno da mais lastimavel inconsciencia. De Ambris, pelas suas ideias ultra-imperialistas e guerreiras, aproxima-se de D'Annunzio, que por sua vez já foi socialista — sel-o ha talvez ainda hoje... *chi lo sa?* —, tendo até tomado parte na campanha greco-turca, em 1886, como voluntario da famosa legião socialista que, com Amilcar Cipriani á frente, auxiliou os gregos contra os turcos, na esperança de vir a implantar na Grecia uma republica socialista. Foi um sonho admiravel, aquelle de querer inaugurar a civilização socialista no solo em que out'ora se ergueu a maravilhosa civilização hellenica. Si o plano desses valorosos legionarios socialistas — um dos quaes encontrei ha tempos num villarejo perdido das Alagoas, velho e enfermo, mas sempre firme na sua fé libertaria — surtisse effeito, teriamos visto a Grecia, ressurgida da escravidão de vinte seculos, dar ao mundo novos exemplos de humanitarismo politico e de grandeza idealistica. Seria essa a mais luminosa ressurreição que uma raça de genios poderia ter... E eu, que tive occasião de assistir á dita Conferencia Operaria Inter-alliada de Paris, posso attestar que De Ambris, o reformista, não se portou peor que D'Aragona, o secretario geral da Confederazione del Lavoro.

E que na Italia a situação differe muito da da França. A guerra deixou a peninsula arruinadissima e o wilsonismo, servindo de escudo aos yugo-slavos, não permittiu que o governo italiano realizasse o seu plano imperialista nem puzesse a mão sobre as colonias allemãs. Por outro lado, o desmembramento da Austria-Hungria tomou impossivel á Italia cobrar á sua inimiga uma indemnisação de guerra apreciavel. A victoria, na Italia, não contentou a ninguem: nem aos imperialistas, que não viram satisfeito ao menos o minimo das suas ambições e nem ao povo, que terá de pagar os gastos fabulosos de tres annos de guerra e vê a sua miseria tornar-se dia a dia mais insupportavel com a carestia das subsistencias e a crise economica. De forma que na Italia todos anseiam por sahir da situação actual e por castigar os responsaveis de tamanha calamidade nacional. Só os politicos *giolittianos* e os socialistas tiraram proveito deste estado de cousas; mas o mal que os primeiros poderiam evitar — a guerra com a Austria — já está feito e o remedio — a revolução — está pois, nas mãos dos segundos.

Partindo d'ahi eu concluo ser a Italia o paiz do Occidente que parece estar mais proximo da Revolução Social — mesmo porque, lá, os elementos moderados têm menos prestigio. Sinão, vejamos: o partido socialista official italiano é adherente á Terceira Internacional e portanto bolchevista...; a

Confederazione del Lavoro, organização do Partido Socialista, obedece naturalmente á orientação deste; a Unione Syndicale, (300.000 associados), pelas suas tendencias anarchistas, é ainda mais bolchevista do que as organizações precedentes; os syndicatos catholicos, como provaram no dia 21 de Julho, já são capazes de acompanhar a onda e finalmente a pequena organização reformista de De Ambris, parece estar reformando muito a sua acção — precisamente no sentido do anti-reformismo... São organizações de methods diferentes a quere-m todas uma cousa só — os *societs*, a liberdade e o pão para todos.

A organização italiana, aparentemente desunida, é mais solidaria que a de muitos outros paizes.

Na França, pelo contrario, as organizações obreiras, tanto a socialista como a syndical, não obstante existirem no seio d'ellas dissensões bem pronunciadas, apparecem unidas no exterior. Por isso, uma vez que uma decisão qualquer logre impor-se ás dissensões internas e seja publicamente annunciada, é executada rigorosamente. Mas o projecto da greve geral internacional, apesar de unanimemente acceito pelo proletariado organizado, não conseguiu jamais impor-se ás correntes moderadoras que no seio da C. G. T. entravam a marcha do proletariado francez. Os dirigentes (sim, os dirigentes) da C. G. T. evitam e evital o hão enquanto o puderem, que a força da organização operaria seja posta em movimento a um só tempo porque nesse dia correria perigo serio o *statuo quo* actual e isso seria pena agora, que a tal Sociedade das Nações offerece tão bellas perspectivas de boas sinecuras aos *profiteurs* do funcionalismo syndical...

Na Inglaterra, o grupo parlamentar do Labour Party, que funciona tambem como commissão executiva das Trade Unions, distingue-se pela sua tendencia moderadissima. Os actos de arrojo que o proletariado inglez tem praticado ultimamente são desobediencias aos seus dirigentes, que tudo que rem fazer pela via parlamentar — a vêr si ainda conseguem prestigiar este systema de acção que se tem completamente desmoralizado n'estes ultimos annos, mesmo na Inglaterra solenne e anglicana, onde o parlamentarismo sempre foi praticado com uma certa moralidade. Aliás, o syndicalismo propriamente dito não existe ainda na Inglaterra e já é de admirar para fóra das Ilhas Britannicas e elevado alguns protestos contra a intervenção dos alliados na Russia e o tratado de paz imposto á Allemanha. Talvez isso tenha succedido porque entre as massas operarias inglezas ha uma forte corrente de opinião em favor d'uma acção energica em prol da Russia. Por aqui se pode até certo ponto avaliar o máo resultado da fac-

tica socialista-parlamentar: os operários, indo para o Parlamento, acabam por interessar-se deveras na questão política burgueza e findam por tornar seus os interesses dessa política. Com relação á Rússia, os interesses da política burgueza são manter o isolamento desse paiz até o aniquilamento do regimen maximalista e, como os deputados trabalhistas são mais ou menos ligados a esses interesses, comprehende-se a razão pela qual elles põem um tão fraco empenho na defeza da revolução russa.

Uma parte importante do proletariado inglez já começa a livrar-se da influencia dos socialistas-parlamentares. Nesse sentido, os mineiros, os ferro-viarios e os operários dos transportes constituiram uma organização especial que tomou o nome de Triplíce Alliança Industrial. Em Abril proximo passado, essa organização tentou fazer pressão sobre o grupo parlamentar das Trade Unions, votando a resolução seguinte:

*«A Triplíce Alliança concida o grupo parlamentar do Congresso das Trade-Unions a reunir dentro do menor prazo possivel um Congresso nacional especial do movimento trade-unionista, de forma a permittir ás associações affiliadas apreciar a acção que poderia ser posta em pratica para obrigar o governo a satisfazer parcial ou totalmente os termos da resolução votada na Conferencia da Liga das Nações, sendo esses termos a retirada da lei sobre o serviço militar obrigatorio, actualmente em discussão no Parlamento, o levantamento do bloqúeio e a liberdade de todos os disabmissos por razões de consciencia (conscientious objectors) que neste momento ainda estão encarcerados.*

*«O comité executivo da Triplíce Alliança está prompto, elle proprio, a assistir á reunião do grupo parlamentar e exprime os votos do Alliança em favor da reunião immediata d'um Congresso.»*

O grupo parlamentar das Trade-Unions (especie de comissão executiva eleita todos os annos pelo Congresso das Trade-Unions inglezas, procurou resolver a questão directamente com o governo mas, não tendo recebido deste nenhuma resposta satisfactoria, enviou a solução do caso para o Congresso do Labour Party (organisação que agrupa ao mesmo tempo as Trade-Unions e as organisações politicas).

Foi, pois, entre a boa disposição dos italianos e a má vontade dos capitães cegetistas e trade-unionistas que se realtizou aos 17 de Junho a Conferencia Operaria inter-alliada de Paris.

Significando mais francamente a sua má vontade, os inglezes deixaram de comparecer á conferencia, desculpando-se dessa falta com um telegramma laconico. Os belgas, que em questões internacionaes seguem a piugada dos inglezes, fizeram o mesmo. Assistiram á Conferencia sómente os delegados

italianos -- D'Aragona e De Ambris -- e os francezes. A C. G. T. havia convocado o seu Concelho Nacional, em presença do qual se realizou a conferencia.

O primeiro a usar da palavra nessa memoravel reunião foi Léon Jouhaux, a alma do moderantismo cegetista. O secretario geral da C. G. T., no seu discurso, fingia concordar com a ideia da greve geral internacional, mas era contrario á sua realisação por dois motivos principaes: 1.º, a abstenção dos inglezes; 2.º, por julgar satisfactorias as promessas que Clemenceau lhe fizera a quando d'uma certa entrevista entre elles havida. Segundo elle, Clemenceau havia assegurado que para a Rússia não seguiriam mais tropas francezas e que as que lá estavam seriam retiradas o mais breve possivel. Tendo um dos delegados das uniões departamentaes da C. G. T. feito observar que ainda naquelles dias proximos finham sido assignalados nos portos militares varios embarques de material e de soldados para a Rússia, Jouhaux replicou que taes tropas e tal material não teriam esse destino mas iriam provavelmente para a Polonia; essa desculpa, entretanto, não produziu o desejado effeito porque todos sabiam que o caminho para a Polonia era atravez da Allemanha (que nesse sentido accitou uma imposição dos alliados) e não pelos portos militares francezes *via* Helsingfors. Deffais, acrescentava Jouhaux, não era a França mas sim a Inglaterra quem tinha mais tropas na Rússia e que si os inglezes não agissem também, pouco adeantaria a acção dos italianos e dos francezes.

Quando Jouhaux terminou o seu discurso, tinha-se a impressão de que estava definitivamente afastada a ideia da greve geral internacional de protesto contra a intervenção dos alliados na Rússia. Talvez fosse mesmo sob essa impressão que De Ambris fez as suas declarações ao redactor do *Secolo* de Milão, que o entrevistara, entre as quaes declarações se destacava a de que a «greve geral internacional estava morta e bem enterrada», o que lhe valeu algumas descomputuras na imprensa socialista franceza.

Falou em seguida D'Aragona. O discurso do delegado italiano foi ao mesmo tempo uma replica ao discurso de Jouhaux e uma lição de coragem aos moderantistas francezes. D'Aragona, que falou em italiano e cujo discurso ia sendo traduzido por Serrati, o correspondente do *Avanti* em Pariz, poz em duvida que os alliados retirassem voluntariamente as suas tropas da Rússia. Quanto ás promessas de Clemenceau, elle fez notar, com uma logica de bronze, que ellas tinham muito pouco valor porque por varias vezes já haviam sido feitas sem que jamais fossem cumpridas. Sempre n'um tom firme e tranquillo, que significava bem que atraz daquelle velhinho de longas bar-

bas brancas haviam alguns milhões de homens irmanados no mesmo proposito decidido de não mais consentir no ataque deshumano aos communistas russos, D'Aragona disse ainda que o proletariado italiano não deixaria por forma alguma de fazer a grêve geral, mesmo que os inglezes não a fizessem e até mesmo si os proprios francezes se recusassem egualmente a fazel-a. Essa declaração arrancou applausos calorosos da assistencia, composta de delegados das uniões operarias departamentaes e eu, eu senti-me tambem feliz de applaudir tão nobres e corajosas palavras.

Era a abstenção dos inglezes que tornava indecisa a comissão confederal da C. G. T. ? Pois si os inglezes não tinham vindo á conferencia, esta iria até junto dos inglezês -- foi a solução que D'Aragona propoz. E ficou resolvido que uma delegação operaria franco-italiana fôsse á Inglaterra pedir a solidariedade dos trabalhadores inglezes n'um movimento em favor das revoluções russa e hungara, da desmobilisação immediata dos exercitos e da amnistia geral dos desertores de terra e mar e dos criminosos politicos. Esta ultima medida, que á primeira vista parece secundaria, é no entanto de uma importancia excepcional para o proletariado. Porque é sabido que no principio da guerra muitos operarios desobedeceram ao chamado de mobilisação e desertaram ou para a Hespanha ou para a Suissa -- não por covardia mas por coherencia com os principios socialistas. Daquelle é o caso de muitos operarios mobilizados, haviamos committido dous ou tres annos nas trincheiras, ganhado medallas por actos de bravura praticados no campo de batalha e finalmente, não podendo mais suportar tamanhos tormentos horrorisados de tanto sangue, cansa, e de tanta lucta, desertarem corajosamente. Esses homens, que todavia defenderam a França, estão nos presidios da Africa a morrer lentamente de máos tratos e de epidemias ; e esses que preferiram o exilio á matança, estão impedidos de voltar para o seio das suas familias, agora que a paz voltou ao seu paiz, porque os tribunaes militares lançaram sentenças contra elles. E quantos, quantos outros heróes da Grande Guerra não estão padecendo injustamente nas prisões por causa da sua fé idealistica ou dos impulsos do seu coração? Na prisão de Toulon lá está, condemnado a 20 annos, um operario mechanico que servia na esquadra do Mar Negro e que tentou entregar aos bolchevistas o torpedeiro em que trabalhava. A proposito : ultimamente, os presos da cadeia em que elle está encarcerado se amotinaram, abriram as grades de todas as cellas, inclusive a delle, e evadiram-se depois ; mas elle, nobremente, não quiz aproveitar-se daquella oportunidade e foi o unico preso que permaneceu na cadeia, declarando que, si havia commet-

tido uma acção má, era justo que continuasse preso ; e si, pelo contrario, havia agido dignamente em procurando entregar aos seus irmãos de ideias uma machina de guerra que estava ao serviço da ideia adversa, então, pelo direito, deveria ser solto. Eis aqui a alma bolchevista em toda a sua grande belleza heroica.

Tocado pelo enthusiasmo geral, o Partido Socialista Francez adheriu á decisão da Conferencia de Pariz e nomeou egualmente delegados, em numero de tres, para acompanhar a Southport a delegação franco-italiana. Por signal que o governo inglez deteve em Folkstone, impedindo-os de proseguir na viagem, dous desses delegados -- Longuet e Frossard -- *et pour cause*. Jouhaux e Renaudel, respectivamente delegados da C. G. T. e do Partido Socialista, passaram sem novidade pela joieira de Folkstone : o moderantismo delles serviu lhes de salvo-conducto.

Prevendo que o grupo parlamentar do Labour Party, allegando incompetencia, se recusaria a dar andamento á proposta franco italiana e enviasse a solução da questão para o Congresso annual do Labour Party, D'aragona foi de opinião que a delegação operaria inter-alliada, nesse caso, se apresentasse directamente ao dito Congresso, que, por uma feliz coincidência se iria reunir naquelles dias proximos em Southport.

O Congresso do Labour Party de Southport foi seguido na Europa com muito interesse pela transcendencia dos problemas que nelle iriam ser discutidos. A grave questão da nacionalisação das minas e dos transportes que ainda um dia hade fazer arder a velha Inglaterra tradicional e conservadora,ahi iria ser ventilada e, alem disso, todos anciaavam por conhecer a resposta do proletariado inglez ao pedido solemne da delegação franco-italiana.

A primeira *démarche* da delegação franco-italiana, como era natural, foi feita junto ao grupo parlamentar das Trade Unions. O camarada Bowermann, secretario do Grupo, expoz aos francezes e aos italianos o resultado da acção que, junto ao grupo parlamentar exercera a Triplíce Alliança Industrial e disse : «Admittindo mesmo que uma Conferencia especial tivesse lugar e votasse a resolução desejada (a greve geral internacional) essa resolução deveria aguardar a ratificação do Congresso das Trade Unions, que se reuniria em Glasgow nos fins de Setembro e si este a approvasse ainda seria preciso que um voto previo das organizações syndicaes a approvasse tambem para então ser executada». Desta maneira e contando-se com a opposição dos parlamentares socialistas que constituem a comissão executiva das Trade Unions, só den-

tro de dois ou trez annos é que a proposta da delegação franco italiana poderia ser posta em pratica... O funcionalismo syndical e o parlamentarismo são a morte da acção directa.

Fracassada sua tentativa junto ao Congresso parlamentar das Trade-Unios, a delegação franco-italiana voltou-se para o Congresso de Southport, onde a receberam os delegados do Labour Party, alem de trez representantes da Alliança Industrial — Williams (transportes), R. Smillie (mineiros) e Cramp (ferroviarios).

Os delegados dos transportes e dos mineiros foram quem iniciou a discussão sobre a resolução da Triplice Alliança que mais atraz vem transcripta e que importava n'um protesto contra a intervenção dos alliados na Russia. A discussão sobre este assumpto durou um dia inteiro e foi logo abandonada por não ter sido possivel chegar-se a um accôrdo. Stuart Brunning e Havelock Wilson (classes marítimas) combateram-na vivamente. Afinal, no ultimo dia do Congresso (27 de Junho), o secretario do Labour Party (Henderson, membro da 2.ª Internacional) leu a resolução seguinte, tomada de accôrdo com os delegados italianos e francezes :

*«Os delegados da classe operaria e dos movimentos socialistas da Grã-Bretanha, França e Italia reunidos em Southport e tendo examinado a situação, declaram que deverá ser feita uma demonstração geral afim de provar a resolução dos trabalhadores organizados de impedir os governos de adoptar uma politica reaccionaria na Europa.*

*«Uma tal politica não poderá deixar de ter o resultado de impedir que os povos escolham as suas proprias formas de governo.*

*«Por conseguinte, deverá ser condemnada toda a especie de intervenção militar de um paiz nos negocios internos de outro.*

*A classe operaria deve protestar particularmente contra a ajuda prestada aos elementos reaccionarios nas suas tentativas de derrubar a revolução e a nova democracia, quer esta ajuda tome ou não a forma de envio de munições.*

*«Um caso destes a assistencia prestada actualmente ao almirante Koltchak.*

*«Essa manifestação terá logar aos 20 e 21 de Julho.*

*«A classe operaria dos paizes designados a participar desta demonstração nas datas acima fixadas, darão a mesma o caracter que melhor se adaptar às suas circumstancias e segundo os methodos em uso em cada paiz.*

*«As organizações operarias de cada paiz podem ao mesmo tempo agir em prol dos objectivos particulares, politicos ou economicos que as circumstancias de cada paiz aconselharem.»*

Essa resolução foi approvada pelo Congresso por.....  
1 983.000 votos contra 935.000.

A solução dos inglezes, sem contudo ser uma solução à altura das circumstancias, excedeu todas as expectativas. Desde que os inglezes se reconheciam na obrigação de tomar a defeza das revoluções russa e hungara, é porque reconheciam

bom o seu programma, e porque passavam a considerar socialisticamente bôa a acção dos maximalistas russos e magyares. E isso já foi um grande passo no sentido da penetração, na Inglaterra, das theorias bolchevistas. A burguezia, pelo seu lado, esperava que os inglezes se recusassem a sahir do seu isolamento e respondessem com um frio "nom possumos" ao apello dos franco-italianos. A decisão da Conferencia de Southport desconcertou-a e desde logo, na França e na Italia, foram mobilisados todos os elementos moderantistas, democratizantes, clericas e reaccionarios para a campanha de calumnias contra a revolução russa e as centraes syndicaes que se dispunham a defendel a.

As columnas da imprensa burgueza encheram-se de artigos contra a revolução russa e a greve internacional; os muros de Paris cobriram-se de cartazes, assignados por altas personalidades da alta finança e da alta politica, chamando o povo ao caminho do *bom senso*, que neste caso era deixar morrer á fome pelo bloqueio os operarios e os camponezes russos; afinal, até se ensaiou um original processo de propaganda, a propaganda aerea, que era feita por aeroplanos do ministerio da guerra, postos graciosamente á disposição de numerosas associações *amarellas* que *cabilouros* os ha por toda a parte, os quaes aeroplanos deixavam cahir por cima de Paris milhões e milhões de boletins, todos no estylo do *bom senso* burguez, aconselhando os operarios a trabalhar, trabalhar sempre para augmentar a producção e fazer a riqueza... dos capitalistas. Foi calculado nessa occasião que cada dia de greve geral, em França, causava o prejuizo de 100 milhões de francos. Mas o proletariado respondeu a esses ataques desleaes com uma serenidade inflexivel que deixava vêr claramente quão firme era o seu proposito de não mais consentir que o dinheiro, os soldados e as munições das nações alliadas continuassem a sua obra de assassinato lento contra o povo russo.

As circulares da C. G. T. aos syndicatos e ás uniões departamentaes propondo a greve geral para o dia 21 de Julho, eram approvadas no meio do maior entusiasmo. Os dois milhões de associados da C. G. T. deram unanimemente a sua approvação no grande movimento de protesto. Até os policias acompanharam a onda, apresentando ao governo uma lista de reclamações para ser satisfeita até o dia 20 de Julho, sob pena de fazerem greve no dia 21.

Entretanto, a occasião mais propicia para fazer uma greve geral teria sido a quando das grandes greves de Junho. Isso não só na França como tambem na Italia, onde tambem hou veram formidaveis movimentos grevistas nesse mesmo mez.

Quando D'Aragona estava em Paris, a greve na Italia era quasi geral.

Essas greves tinham um prestigio que convinha ser tomado em conta : é que eram espontaneas. Um movimento ordenado do "alto" nunca poderá atingir a força que costumam ter os movimentos partidos de "baixo", da massa. A manifestação em prol do communismo russo tinha sido imposta pelos de baixo; mas os funcionarios syndicaes perderam tanto tempo em conciliabulos que, quando a manifestação foi resolvida, já as grandes greves haviam findado e a agitação popular diminuido muitissimo. A epoca de fazer a greve geral internacional teria sido em Junho, por occasião da conferencia operaria inter-alliada de Paris, quando a agitação operaria na França e na Italia estava no seu auge. Foi mesmo essa a proposta de D'Aragona, o secretario geral da Confederazione del Lavoro; mas os moderantistas francezes, fazendo questão de consultar primeiramente os inglezes, fizeram com que a greve não fosse realizada nessa occasião.

Comtudo, havia entre os operarios francezes disciplina e entusiasmo bastante para que a greve do 21 de Julho obtivesse exito. Esse entusiasmo havia mesmo passado as fronteiras e movido os allemães, os belgas, os hollandezes, os scandinavos, os gregos, os rumalicos, os austriacos, os tcheco-slovacos, quasi toda a Europa trabalhadora. A greve de 21 de Julho seria de facto uma greve européa, u'a manifestação sem precedentes na historia e seria impossivel que deante della os governos não tremessem e não fosse posto fim á intervenção na Russia.

Na França, tudo estava preparado para a greve geral. Todas as classes responderam ao *appel* da C. G. T., declarando estarem promptas para a luta. O governo tambem estava preparado. Segundo constou, Clemenceau havia disposto em torno de Paris numerosas tropas coloniaes (siamezes, indo-chinezes, senegalezes, etc.) munidas de tanks. Gustave Hervé, farejando sangue e massacres, escrevia na *Victoire* que "essas gentes precisavam de uma licção"...

A duvida reinava em todos os espiritos. O que iria succeder ?

No dia 18, sexta feira, respirava-se na C. G. T. uma *atmosfera sombria*, cheia de apprehensões. Nesse mesmo dia, á tarde, Mr. Georges Mandel, secretario do Estado chamou ao *telephone* a Comissão administrativa da C. G. T. e fez-lhe sciente de que o presidente do Conselho de ministros desejava ter uma entrevista com ella.

A entrevista teve lugar ás 19 horas, no ministerio da guerra. Poucos minutos antes, o ministerio fôra posto em mi-

HD 6657 C3334 1920 LAC-Z

Nettie Lee Benson Latin American Collection

norria na Camara, a qual desapprovou a politica economica do governo e a acção do sr. Boret, ministro dos abastecimentos. A explicação desse voto está em que a Camara, penetrada tambem pela duvida geral, inquieta pelo rumo que os acontecimentos estavam tomando, quiz advertir o ministerio Clemenceau do perigo que representava para a França a sua attitude ameaçadora para com os operarios. É o facto de Clemenceau fazer chamar a comissão administrativa da C. G. T. para uma conferencia, já representava uma obediencia do ministerio ás suggestões da Camara. A Camara não queria a greve, mesmo que, para evital-a, fosse preciso formar um novo ministerio e modificar a politica da França com relação á Russia. Restava aos operarios manterem-se intransigentes neste ponto porque assim o ministerio Clemenceau ficava collocado nesta situação : ou mantinha a sua politica e neste caso a Camara o derrubaria ou, para não ser derrubado, entrava n'um accordo com os operarios. Para Clemenceau, o ideal seria não ser derrubado e fazer com a C. G. T. um accordo que representasse a manutenção da sua politica. Isto tornou-se-lhe facil devido ao *parti pris* da Comissão Administrativa da C. G. T., a qual, intimamente, não queria a greve geral.

Os objectivos da greve de 21 de Julho, na França, foram fixados nas quatro clausulas seguintes : 1.º, Desmobilização rapida e total, preparando o desarmamento geral ; 2.º, cessação da intervenção armada na Russia e na Hungria, consagrando o direito de os povos disporem de si proprios ; 3.º, amnistia plena e inteira para os condemnados politicos e militares ; 4.º, restabelecimento das liberdades constitucionaes, começando pela supressão da censura. Propositadamente, a comissão administrativa da C. G. T. acrescentou ás clausulas acima referidas a do *combate á vida cara*, porta pela qual a comissão administrativa da C. G. T. tencionava fugir aos compromissos assumidos para com a organização syndical italiana, com relação á Russia.

O revez soffrido na Camara pelo ministerio abrandou um pouco o furor tigrino de Clemenceau, de forma que elle não fallou á Comissão da C. G. T. com aquella firmeza que todos lhe conhecem. Clemenceau fez ameaças, é certo, mas no tom indeciso de um homem que não está seguro da sua situação. Para essa situação se tornar insustentavel, bastaria que a comissão da C. G. T. se mantivesse intransigente a respeito da segunda clausula do seu programma de reivindicações (cessação da intervenção na Russia). Mas ella assim não fez e Clemenceau propoz a desmobilização a "breve prazo", uma amnistia parcial e varias medidas de combate á vida cara. Quanto á clausula da não intervenção na Russia, elle renovou as suas pro-

messas de que não seriam enviadas mais tropas contra os russos mas nada afirmou de positivo fazendo ao mesmo tempo saber que já havia tomado as *necessarias medidas* para esmagar d'antemão o movimento. Dessas medidas, o publico conhecia duas, que eram as circulares dos srs. Clementel e Claveille aos empregados dos correios e aos ferro-viarios. Claveille dizia :

«Os que pertencem ás classes ainda mobilizadas poderão ser punidos disciplinarmente em razão da sua situação de agentes militares (decreto de 22 de Agosto de 1914), sendo postos á disposição da autoridade militar para serem enviados aos seus respectivos corpos, sem prejuizo do processo perante o Concelho de guerra conforme o art. 218 do Código de Justiça Militar.

«Os que pertencem ás classes desmobilizadas ou que não estão mais submettidos ás obrigações militares poderão ser levados perante um concelho de guerra pela applicação do art. 21 da lei de 3 de Julho de 1887 sobre a requisição.»

Desta forma, uma vez declarada a greve geral, a C. G. T. teria de tomar medidas para apoiar os ferro-viarios e os empregados do Correio. Era mesmo possível que, devido ás represallas do governo, a greve tivesse de continuar e neste caso o conflicto assumiria proporções gravissimas.

Os funcionarios syndicaes, pelos motivos que já expuz desejavam ardentemente achar um pretêxto para suspender a decretação da greve geral. As promessas de Clemenceau, tanto como as ameaças, pareceram-lhes um pretexto sufficiente e, immediatamente apoz a sua entrevista com o presidente do Concelho, enviaram una nota á imprensa declarando suspensa a manifestação de 21 de Julho. Ao mesmo tempo, a comissão administrativa convocava o concelho nacional da C. G. T. em sessão secreta para o dia 21, afim de elle se pronunciar sobre o assumpto.

O Concelho Nacional reunido no dia 21 foi um dos mais impressionantes que a C. G. T. tem tido. Foi a partir do dia dessa reunião que os elementos contrarios á direcção actual da C. G. T., tendo um caso concreto em que bazar os seus ataques, se concertaram para o combate á influencia dos chamados maioritarios confederaes. Um delegado das Uniãoes Departamentaes da Provence chegou a propor a resolução seguinte :

«O Comité Confederal Nacional censura a attitude da Comissão Administrativa e convida-a a pedir a sua demissão. A Comissão Executiva assegurará o serviço administrativo até o proximo Congresso Confederal.»

HD 6657 C3334 1920 LAC-Z

Nettie Lee Benson Latin American Collection

Finalmente, Jouhaux pronunciou um bello discurso e o funcionalismo syndical das uniões departamentaes apoiou-o decididamente, a modos que a Comissão administrativa conseguiu arrancar do Congresso a approvação da sua attitude.

Essa resolução inesperada dos dirigentes da Confederação Geral do Trabalho produziu, como é facil de comprehender, uma impressão lamentabilissima tanto na França como nos paizes vizinhos. Na Allemanha, especialmente, a capitulação da C. G. T. produziu um effeito deploravel. A ideia da greve de 21 de Julho havia vingado na Allemanha graças a una brilhante campanha dos spartakistas e dos independentes. Para o fim, até os proprios maioritarios, embora de mau grado, viram-se obrigados a aceitar-a. Quando na Allemanha chegou a noticia, ruidosamente propalada pelos maioritarios, de que a C. G. T. havia suspendido a manifestação, poucos lhe deram credito, tão inverosimil a acharam. A *Freiheit*, o orgão dos independentes, mesmo sem ter recebido da França noticias directas e agindo em confiança na firmeza da organização syndical franceza publicou na sua primeira pagina, em grossos caracteres, um desmentido da noticia de que a C. G. T. tinha suspendido a greve e concitava o proletariado allemão a não trabalhar no dia 21 de Julho.

No dia 21 de Julho eis o que se passou no mundo operario europeu :

Na França, nada houve ;

Os hollandezes e os scandinavos, desanimados com o gesto da C. G. T., suspenderam tambem a greve ;

Os allemães, na sua maioria, fizeram greve e houve conflictos em Berlim e noutras partes da Allemanha ;

Os austriacos, os rumaicos, os gregos e os tcheco-slovacos fizeram greve ;

Finalmente os italianos, cumprindo o que D'Aragona affirmara na Conferencia de Paris, fizeram a greve apesar de tudo. E foi uma greve estupenda. Em todas as cidades da Italia parou por completo todo o movimento. Os camponezes, cuja organização, que conta mais de quatrocentos mil associados, adheriu ultimamente á Confederazione del Lavoro, acompanharam o gesto dos proletarios das cidades e fizeram greve tambem. O governo, aterrado com essa formidavel demonstração de forças, tomou rapidamente varias medidas contra a vida cara, fazendo descer em 40% o preço dos generos. Alem disso, o presidente do concelho, no parlamento, annunciou que seriam immediatamente retiradas as resumidas tropas Italianas que ainda estavam na Russia. De forma que na Italia a greve do dia de Julho surtiu effeito. Não conduziu á revolução talvez porque

a noticia da capitulação cegetista esfriasse algum tanto o entusiasmo do operariado italiano.

A Europa esteve ás bordas da revolução nas vespas do dia 21 de Julho. Foi a comissão confederal da C. G. T. franceza, foram Jouhaux e os seus cúmplices, quem afastou da burguesia esse perigo. Não ha duvida de que, depois disto, é justo, justissimo mesmo, que dêem ao secretario geral da C. G. T. uma completa satisfação ás suas ambições, que é ser representante do operariado na Liga das Nações. Elle tem commettido traições bastantes para merecer esses trinta dinheiros.

## A CONFERENCIA DE AMSTERDAM

A realização da Conferencia Internacional Syndicalista de Amsterdam era esperada na Europa com uma certa anciedade porque julgava-se que nessa reunião se iriam definir os pontos de vista do pro'etariado internacional sobre os graves problemas que a guerra poz em foco e da solução dos quaes depende o futuro da Humanidade inteira.

Faziam já quatro annos que a Internacional não se reunia e durante esse tempo tiveram logar tantos e tão transcendentaes acontecimentos, que se tornava necessario reformar não só a organização interna da Internacional como o proprio programma e a tactica syndicalistas.

A antiga Internacional Syndical foi virtualmente aniquilada pela guerra e succedeu-lhe, a modos de comissão executiva provisoria, um Centro de Correspondencia que funcionava simultaneamente em Paris e na Hollanda — respectivamente sob a direcção de Jouhaux e Oudegeest. Terminada a guerra, estava naturalmente terminada a missão do Centro de Correspondencia e necessario se tornava a reconstituição da Internacional Syndical Operaria. A Conferencia de Berna não tivera tempo de abordar este assumpto porque toda a sua attenção foi absorvida pela questão da Conferencia da Paz e das clausulas operarias a inserir no Tratado. Aliás, a convocação da conferencia de Berna, que fôra suggerida por Samuel Gompers ainda durante as hostilidades, não tivera outro fim sinão aquelle.

Em fins de Abril, Jouhaux e Oudegeest tiveram um encontro em Amsterdam e combinaram convocar para o dia 28 de Julho seguinte uma conferencia Internacional Syndicalista, nessa mesma cidade de Amsterdam, que depois da guerra se transformou numa especie de quartel general do socialismo europeu.

Nessa reunião ficou tambem assentado que o programma dos trabalhos da Internacional seria o seguinte:

- 1.º — Programma e tactica syndicalistas;
- 2.º — Lucta para a fiscalização e a posse das industrias e da terra ;
- 3.º — Attitude a adoptar para com o maximalismo, o militarismo e os conselhos de operarios e soldados ;
- 4.º — Attitude syndicalista para com os contratos de immigração dos operarios, de todos os paizes ;
- 5.º — Fixação da ordem dos trabalhos da nova conferencia internacional, a reunir-se em Fevereiro proximo.

Essa ordem de trabalhos, é innegavel, correspondia ás necessidades do momento e por isso parecia que a Conferencia de Amsterdã iria ter uma importancia transcendental. Era de esperar que a União Syndical Internacional abandonasse a tactica pesada e conservadora que a dirigia antes da guerra.

Attribue-se essa tactica á influencia da organisação syndical allemã, que no seio da antiga Internacional occupava um logar proeminente — não um logar de direcção. Mas a séde da Internacional havia sido transferida de Berlim e a direcção retirada de Legien, o secretario *scheidtmann* da Central dos Syndicatos allemães e confiado a Jouhaux, da C. G. T. franceza e a Oudegeest, ho landez. Em face dessa mudança, era crível que a acção da Internacional fosse differente da que tinha sido antes da guerra.

Essas bellas esperanças, porém, foram em breve desfeitas. Verificou-se logo que Jouhaux e Oudegeest não valem mais do que Legien: são todos negociistas, patrioteiros e mystificadores. Todos elles conhecem a sciencia de encobrir mãos actos com bonitas palavras e moderantismo retrogrado com formulas revolucionarias. Legien, é *scheidtmann* e portanto *republicano imperial*: Oudegeest é aliado de Troelstra, chefe do partido socialista-parlamentar da Hollanda e finalmente Jouhaux é um *labo* de Alberto Thomas, ex-ministro das Municipios, socialista-guerreiro, grande amigo da democracia burgueza.

Logo nas convocações para a Conferencia, o novo secretariado se mostrou igual ao antigo. As convocações foram baseadas no principio burguez e *legientano* das pequenas e das grandes potencias. Na Conferencia de Amsterdã, Legien escandalizou-se por alguém pretender que a imperial organisação syndical allemã tivesse de hombrar com as organisações operarias da Liberia, Guatemala, Nicaragua, Costa-Rica, Cuba, *un tas de pays en a*. E quando acrescentou que a imperial organisação syndical allemã teria de hombrar até mesmo com a do Uruguay, toda a delegação allemã começou a rir com um riso de desprezo. Ah! a ideia da pretendida supremacia germanica não enlouqueceu somente o Kaiser: contaminou d'alto a baixo toda a desgraçada nação allemã.

Dessa concepção burgueza sobre as pequenas e as grandes potencias, resultou que se poz um grande empenho no comparecimento destas ultimas, menosprezando-se as primeiras.

Como os Estados Unidos são uma grande potencia, o secretariado da Internacional envidou os seus melhores esforços afim de obter o comparecimento da organisação operaria norte-americana. Gompers, presidente da Federação Americana do Trabalho, impoz para o seu comparecimento, umas tantas

condições que o secretariado accifou passivamente mas que não tornou publicas — não sei por qual razão.

Supponho que as exigencias de Gompers referiam-se a certas clausulas da ordem do dia da conferencia que, pelo seu immenso valor revolucionario, não estavam de accordo com a orientação conservadora e reformista da Federação Americana do Trabalho. O facto é que a conferencia de Amsterdã não abordou nenhum dos assumptos mencionados na ordem de trabalhos a que me referi atraz e que, pelo contrario, tratou de assumptos completamente differentes, como fossem a Liga das Nações, as responsabilidades da guerra e outras trivialidades. Para obter o comparecimento dos Estados Unidos, uma "grande potencia", o secretariado da Internacional sacrificou o seu programma de trabalhos e para obter o comparecimento das Nações da America do Sul — *tout un tas de pays en a* — não se fez sacrificio algum.

Acho extremamente singular a concepção que se faz do internacionalismo nas grandes centras syndicacs da Europa. Penso até que a palavra "internationalismo" é de todo impropria para qualificar semelhante concepção. O verdadeiro internacionalismo é a doutrina da união intima e solidaria de todos os povos, grandes e pequenos. Uma união dessas tendencia para o desaparecimento dos differentes nacionalismos em face do sentimento internacionalista. Ao passo que a limitação dessa união aos países maiores ou mais importantes, conduz a um resultado inteiramente opposto — isto é, ao desaparecimento do sentimento internacionalista em face dos differentes nacionalismos, conforme se verificou durante a guerra, no seio da própria Internacional Operaria.

Uma Internacional Operaria não será jamais completa e verdadeira sem a adhesão dos países sul-americanos e das colonias inglezas. O papel que estes países representam na vida economica do mundo dá-lhes direito a que seja consultada a sua opinião e previamente pedido o seu apoio quando se tratar de pôr em pratica qualquer acção tendo em vista a mudança das condições economicas de todos os países ou de um grupo d'elles. Sem a America do Sul e as colonias inglezas, a Europa morrerá de fome e portanto uma das condições de successo d'uma revolução social na Europa está no apoio do proletariado desses países, o qual apoio a Internacional deveria tratar de obter por meio do estreitamento das suas relações com elles.

Isto no caso de se tratar d'uma Internacional animada do espirito internacionalista. Que a de Amsterdã acamaradouse demais com a Liga das Nações e como esta é uma aliança de differentes imperialismos para o dominio dos pequenos povos,

segue-se que estes se encontrarão tão mal collocados no seio da Liga das Nações como no seio da Internacional Syndical.

Na generalidade dos casos, e entre os pequenos paizes que os principios doutrinaarios do syndicalismo se mantem mais puros. Isto deve-se a que, nelles, sendo menor o numero dos operarios syndicados, ha mais vigilancia em torno dos actos das federações e da organisação central. O facto mesmo de uma organisação possuir um numero relativamente pequeno de adherentes, torna a mais leve e permite que os seus movimentos sejam mais rapidos. No tempo em que a C. G. T. franceza possuia 300.000 associados sómente, a sua acção era mais prompta, energica e decidida. Hoje, que ella possui 2 milhões de associados, a sua acção é lenta, fraca e indecisa. O pezo desses 1 milhão e 700.000 associados novos, muitos delles saídos de entre os funcionarios publicos, policia e empregados do commercio, opprime o antigo espirito revolucionario da organisação syndical franceza. Por onde se vê que o numero, sendo em ultima instancia a *força maior*, não é ordinariamente a *melhor força*.

Dentro da Internacional Syndical, seria de desejar que a *força melhor* das organisações syndicaes dos pequenos paizes, contrabalançasse a influencia conservadora das dos paizes grandes. Mas os governos burguezes da Europa, cousa que nem todos sabem, exerceram um *contrôle* rigoroso sobre a Conferencia de Amsterdam. A esses governos, especialmente á França, era de conveniencia que a Internacional Operaria não definisse principios e não abordasse os assumptos importantes que preoccupam actualmente a classe operaria. Para conseguir isso, nada melhor do que fazer uma escolha dos delegados, isto é, só deixar comparecer a Amsterdam aquelles cujas ideias são mais ou menos as da burguezia.

E assim se fez.

Da França, compareceu Jouhaux, que durante a guerra se converteu ao *soi-disant* socialismo de Albert Thomas e que agora, de collaboração com esse renegado social patriota, tenta conduzir o proletariado francez para o terreno de collaboração de classes ;

Da Allemanha, compareceu Legien, um dos responsaveis da guerra. Durante o grande conflicto, elle serviu os interesses do militarismo prussiano e agora collabora com a Social-Democracia de Noske e Ebert ;

Da Hollanda, Oudegeest, *comp re* de Jouhaux e Legien, Compareceu tambem um delegado dos dissidentes syndicalistas holandezes, um elemento avançado, mas as suas opinões não se puderam fazer ouvir naquelle concerto de nacionalismos estreitos ;

Da Inglaterra, Appleton, que representa sómente uma minoria do proletariado inglez e cujas convicções são mais ou menos as mesmas de Legien, Jouhaux e Oudegeest ;

Da Hespanha, Largo Caballero e Juan Besteiro, dois socialistas-parlamentares que têm tradições revolucionarias mas que actualmente se vêm domesticando sob o jugo conservador e clerical do governo de Affonso XIII ;

E finalmente da America compareceu Gompers, o famosissimo Gompers, o agente do governo e dos capitalistas norte-americanos.

Que collecção !

Não puderam comparecer á conferencia, por lhes haver o governo francez recusado a permissão de atravessar a França com destino á Hollanda, os seguintes delegados :

D'Aragona, da Confederazione del Lavoro ;

Segui, dos syndicalistas catalães e

Alexandre Vieira, da União Operaria Nacional de Portugal.

Compareceram a Amsterdam as seguintes centrais syndicaes :

Commissao Syndical da Belgica : quatro delegados, representando 450.000 associados.

Commissão Geral dos Syndicatos da Allemanha : dez delegados, 5.400.000 associados.

Confederação Geral do Frabalho : doze delegados, 1.500.000 associados.

Commissão Syndical da Austria Allemã : oito delegados, 500.000 associados.

Commissão Syndical do Luxemburgo : tres delegados, 21.000 associados.

Federação Geral da Inglaterra e Comité Parlamentar das Trade-Unions (1) (delegação mixta) : oito delegados, 4.755.000 associados.

Commissão Syndical da Noruega : tres delegados, 122.000 associados.

Commissão Syndical da Suecia : cinco delegados, 255.000 membros.

(1) As Trade-Unions não se fizeram representar em Amsterdam. O seu Comité Parlamentar, entretanto, fez se representar em seu nome, usando (ou abusando) das prerogativas que lhe confere a sua qualidade de Commissão Executiva das Trade Unions. Nesses 4.755.000 de associados, pois, estão comprehendidos os das Trade-Unions, que são a maioria. A Federação Geral da Inglaterra é uma associação de pouca importancia, em comparação com as Trade-Unions e o seu programma é diferente — sinão contrario — ao desta ultima.

Commissão Syndical da Dinamarca : seis delegados, 255.000 associados.

União Geral dos Trabalhadores de Hespanha: dois delegados, 150.000 associados.

União Syndical da Suissa : tres delegados, 200.000 associados.

Federação Americana do Trabalho : tres delegados, 3.600.000 associados.

Commissão Syndical da Tcheco-Slovachia : dois delegados, 230 000 associados.

Federação Syndical da Hollanda : oito delegados, 220.000 associados.

Secretariado do Trabalho da Hollanda : dez delegados, 45.000 associados.

Seja, no total, noventa e um delegados representando 17.740.000 trabalhadores e quatorze nações. Note-se, porem, que dessas nações outras organizações houveram que se recusaram a comparecer à Conferencia. O inefável Gompers, da Federação Americana do Trabalho, teve o desprante de declarar que representava não só essa organização como as organizações das vinte e uma republicas sul e central americanas !

Os trabalhos da Conferencia de Amsterdam careceram de importancia. Elles resumiram-se mais ou menos no seguinte :

A primeira sessão da Conferencia foi aberta por Oudegeest, na qualidade de secretario do Secretariado Internacional Provisorio, que pronunciou o seguinte discurso :

«É uma grande honra para o nosso pequeno paiz hospedar esta primeira reunião dos trabalhadores de todos as nações, que ficará historica. É tambem uma honra que a Federação neerlandeza dos Syndicatos sinta plenamente esta verdade : Os operarios da Hollanda sabem que não foram os trabalhadores quem provocou a guerra. Si os trabalhadores hollandezes não têm a deplorar perdas de vidas ou ruinas é certo, porem, que não soffreram menos do que os outros. Elles tambem estão de accordo com as outras delegações em stygnatizar abertamente, duramente o systema militarista e em declarar que os esforços do proletariado deverão tender para impedir a reprodução de taes conflictos. Para isto, é preciso restabelecer a Internacional».

O discurso de Oudegeest abriu a discussão sobre o ponto delicado da Conferencia : as responsabilidades da guerra.

Essa discussão acalorou se logo com a intervenção de Toby, delegado americano, o qual contestou a affirmação, contida no discurso do presidente, de que «as infelicidades trazidas por esta guerra foram causadas pelo capitalismo». Os ame-

ricanos, declarou Toby, «estão convencidos de que esta guerra foi causada pelo militarismo allemão e austriaco e não aceitam nenhuma outra explicação». Legien, secretario da General kommission, replicou atacando o capitalismo norte-americano. A discussão generalizou-se e cada qual parecia pretender provar que o capitalismo do seu respectivo paiz era melhor que o dos outros. Neste se ponto levantou se a sessão para se ir ao *Raadhuis* (Camara Municipal) visitar o prefeito socialista de Amsterdam...

Reaberta no dia seguinte a sessão, voltou-se a tratar da questão das responsabilidades da guerra, que já havia occupado a maior parte do tempo das sessões preparatorias da Conferencia. Foi Mertens, delegado belga, quem na primeira sessão preparatoria da Conferencia pronunciou um verdadeiro libello contra os dirigentes do syndicalismo allemão que, «como homens publicos se tornaram os cúmplices do governo allemão que fez soffrer a peor oppressão á Belgica e aos trabalhadores belgas».

No intuito de pôr termo a essa discussão, que parecia interminavel, Sessenbach, o lugar tenente de Legien, leu á Conferencia a seguinte declaração :

*«Os syndicatos allemães sempre foram de opinião que se tratou a Belgica d'uma maneira injusta e sempre se oppuzeram ás crueldades cometidas durante a occupação allemã nesse paiz. As deportações de operarios belgas nunca tiveram a approvação dos operarios allemães, que sempre combateram essas deportações na medida do que lhes foi possível fazer.*

*«A attitude dos operarios allemães no começo da guerra foi-lhes prescripta pelas circumstancias. O povo allemão alimentou a firme convicção de que a Alemanha fazia uma guerra defensiva e isto está provado pela attitude dos socialistas independentes que, no começo da guerra, foi a mesma dos socialistas-democratas.*

*«A classe operaria allemã sempre se oppoz á attitude imperialista do seu governo. Si, no começo da guerra, os operarios allemães soubessem o que agora sabem, si elles não tivessem sido logrados pelo seu governo, a attitude da classe operaria e dos seus representantes teria sido muito differente.*

*«Si a classe operaria allemã houvesse tido a convicção de que a Alemanha era a nação aggressora, sem duvida ella teria tentado impedir a guerra por todos os meios á sua disposição.*

*«Devemos confessar que muitos actos da classe operaria allemã durante a guerra não podem ser accettos pelos operarios dos outros paizes. Mas tudo o que ella fez foi em consequencia da convicção de que o povo allemão devia defender os seus interesses vitaes.*

*«Agora que a verdade está conhecida, devemos confessar que tudo o que foi feito na convicção de que o direito estava do nosso lado não era inteiramente justo, mas tudo o que foi feito succedeu porque suppunhamos empenhados os interesses allemães com o firme pensamento de não prejudicar os interesses da classe operaria dos outros paizes».*

Essa declaração satisfez plenamente a todos, apesar de

os syndicatos allemães, ao tomarem conhecimento della, a julgassem demasiado Inconveniente.

Procedeu-se em seguida á liquidação da antiga Internacional, que foi precedida de um exame da gestão moral e financeira de Legien. A gestão financeira foi approvada por uma comissão composta de Dumoulin (França), Schürch (Suissa) e Appleton (Inglaterra).

Depois (dia 31), tratou-se de combinar a maneira da votação dos novos Estatutos da Internacional. que ficou assim estabelecida :

Os Estados-Unidos teriam 9 votos ; a Inglaterra 11 ; a Allemanha 13 — sendo 1 para os syndicatos independentes ; a França, 4 ; a Austria, 2 ; a Belgica, 2 ; a Dinamarca, 2 ; a Hollanda, 2 — sendo 1 para o Secretariado da dissidencia syndicalista ; a Hespanha, o Luxemburgo, a Noruega, a Suecia e a Tcheco-Slovachia, um voto cada uma.

Determinada a maneira da votação, passou se á discussão e approvação dos estatutos da Internacional.

Foram approvados os estatutos seguintes :

*ESTATUTOS DA UNIÃO SYNDICAL INTERNACIONAL — Denominação :* As Centraes Nacionaes dos syndicatos agrupam-se em União syndical internacional, na qual a autonomia do movimento operario de cada paiz continuará garantida.

*Sede :* A sede da União Syndical Internacional será designada pelo Congresso Internacional.

*Constituição :* A U. S. I. compõe-se das centraes nacionaes dos diferentes paizes.

Uma só central syndical de cada paiz será admittida á U. S. I.

Todas as controversias relativas á affiliação serão examinadas pela Comissão e o Congresso bi-annual da U. S. I.

*N. B* — Nos paizes onde existem diversas centraes nacionaes, estas deverão fundir-se até o proximo Congresso, o qual não admittirá mais do que uma só Central por cada paiz.

*Fins da Federação :* Os fins visados pela U. S. I. são :

1.º Defender os interesses e secundar os esforços das organizações affiliadas sobre o terreno syndical e internacional ;

2.º Encorajar o movimento syndical e internacional dos paizes não affiliados ;

3.º Dirigir a acção combinada sobre todas as questões d'um interesse syndical commum ;

4.º Proteger os trabalhadores em lucta contra-os furadores de greve d'outros paizes ;

5.º Reunir fundos para realisar os fins acima annun-

ciados e todos os outros objectivos indicados pelos estatutos.

*Direcção :* A direcção da U. S. I. é constituida pela comissão executiva e pela Comissão de direcção assim como pelo congresso bi-annual.

A comissão Executiva compõe-se do presidente d'um 1.º e d'um 2.º vice-presidentes, d'um thesoureiro e d'um secretario redactor, escolhidos, tanto quanto fôr possível, entre os membros de diferentes nações.

2.º Serão nomeados outros vice-presidentes para cada grupo de nações e aggregados á comissão Executiva com o fim de formar a Comissão de Direcção. A Comissão Executiva e a comissão de direcção serão nomeadas no congresso e permanecerão nas suas funcções (salvo caso em de força maior ou de má conducta) até o congresso seguinte.

Cada delegado presente ao primeiro congresso será elegivel a qualquer funcção no seio da comissão Executiva ou da comissão de Direcção e para qualquer tarefa especial decidida eventualmente pelo congresso, mas serão tomadas em conta as reivindicações especiaes das nacionalidades affiliadas, grupadas como segue :

1. Estados-Unidos.
2. Os Estados da America Central e do Sul.
3. Grã-Bretanha e colonias.
4. França, Belgica e Luxemburgo.
5. Italia, Hespanha e Portugal.
6. Allemanha, Austria allemã e Suissa.
7. Russia e Províncias do Baltico.
8. Bohemia, Polonia, e Yugo-Slavia.
9. Hungria, Grecia e Estados Balkanicos.
10. Dinamarca, Noruega, Suecia, Finlandia e Paizes-Baixos.

No caso em que um membro, seja da comissão executiva, seja da de Direcção, se veja impedido de assistir á reunião da comissão respectiva, a central nacional á qual elle pertence terá o direito de nomear um supplente ; todavia, o dito supplente não poderá assumir as funcções de presidente, secretario ou thesoureiro, salvo por meio do voto unanime dos outros membros da comissão.

No caso em que um supplente não tenha sido eleito para uma das funcções acima mencionadas, a comissão elegerá, ella propria, de entre os que tenham sido devidamente delegados, os occupantes temporarios para as funcções de presidente, secretario ou thesoureiro.

*Reunião do Congresso* — O congresso ordinario da U. S. I. terá logar todos os dois annos e, si possível fôr, no outomno.

A comissão executiva fixará a data, o lugar e a ordem do dia do congresso, no caso em que estes detalhes não tenham sido combinados no congresso precedente.

O secretario comunicará a todas as centraes syndicaes a data e o local provisório da conferencia biennial, pelo menos seis mezes antes do começo desta. Todas as propostas acompanhadas eventualmente de explicações deverão ser enviadas ao secretario nunca menos de trez mezes antes da reunião da conferencia.

Uma votação terá lugar si um terço dos membros do congresso o propuzer. As proposições serão resolvidas pela maioria simples dos votos; no caso de empate, a proposta será considerada como tendo sido rejeitada.

As emendas apresentadas apoz a reunião do congresso ou durante as discussões só poderão ser tomadas em consideração com o consentimento de dois terços dos membros presentes. Poderão ser convocados congressos extraordinarios, por decisão da comissão executiva, apoiados por uma maioria de dois terços da comissão de direcção e confirmada ao menos pela metade das centraes nacionaes affiliadas. Os votos das ditas centraes serão recolhidos telegraphicamente.

*Composição do Congresso* — O congresso da União Syndical Internacional compôr-se-ha da comissão de direcção e dos representantes das centraes nacionaes affiliadas.

Todos os representantes das centraes nacionaes deverão ser domiciliados e organizados nos paizes por elles representados.

Cada organização nacional affiliada tem o direito de enviar á conferencia um delegado ás custas da União Internacional dos Sindicatos operarios.

Cada Central nacional affiliada pode, ás suas proprias custas, enviar delegados addicionaes.

*Representação do Congresso* — Cada Central nacional representada no congresso tem direito a um voto por 250.000 membros ou fracção desta cifra, pelos quaes ella verse cotisações á União Internacional dos Sindicatos.

Os mandatos de todos os delegados á Conferencia serão examinados pela comissão executiva antes da abertura do Congresso e os resultados a este respeito obtidos serão comunicados á conferencia antes de se passar á ordem do dia.

*O Congresso (seus deveres)* — O congresso nomeará todos os funcionarios da U. S. I.

Estas nomeações terão lugar por meio de um escrutinio escripto e secreto. O candidato que obtiver a maioria dos votos será declarado eleito. Si, no primeiro escrutinio, nenhum can-

didato obtiver uma maioria absoluta, terá lugar um segundo escrutinio entre os candidatos que tiverem obtido maior numero de votos. Si, então, nenhum candidato ainda obtiver uma maioria absoluta, terá lugar um terceiro escrutinio entre os dois candidatos que tiverem recolhido o maior numero de votos no segunda escrutinio.

O congresso elegerá uma comissão de tres membros para examinar devidamente os livros e as contas da União.

A conferencia proverá :

Ao exame de todas as proopstas a ella submettidas ;

Á eleição da comissão executiva, assím como da comissão de direcção;

Á fixação da taxa de cotisação para o periodo financeiro seguinte, que comprehenderá o periodo de tempo decorrente entre as duas conferencias bi-annuaes.

Sò o congresso tem competencia paradedidir sobre todas as questões tanto de principio como de tactica que se levantarem no dominio syndical.

O presidente da Federação presidirá a todas as reuniões da com. exec., com. directora e da conferencia. De accordo com a com. executiva, elle niringirá os negocios da U. I. dos Sindicatos e será responsavel perante a conferencia pelos actos e gestos dos funcionarios delegados e empregados da Federação. Nas reuniões da com. executiva e da com. directora é o voto do presidente que decidirá em ultima instancia, si elle tomou parte na votação.

O primeiro vice-presidente será o representante e o suplente do presidente. Por outro lado elle proverá a :

a) A propaganda pela expansão da U. I. dos Sindicatos ;

b) A propaganda para favorecer o movimento tanto nacional como internacional nos paizes não affiliados.

O segundo vice-presidente representará e substituirá o primeiro. Por outro lado, elle proverá a :

a) Á preparação das reivindicações sociaes e economicas da Federação Syndical Internacional ;

b) Trabalhos preliminares relativos ás difficuldades interiores do movimento.

O thezoureiro terá o encargo de todas as despezas, assignará todos os cheques e papeis relativos aos pagamentos effectuados e será o responsavel de todas as contas de administração da Federação. Elle elaborará todas as estatisticas desejadas pela Federação. Receberá todos os pedidos de auxilios pecuniarios e fiscalisará o resultado dos ditos pedidos.

O Secretario-Redactor — O secretario redactor será encarregado da gestão do escriptorio da U. S. I. dos Syndicatos e será responsavel pelo escriptorio de traducções.

Elle registará as actas de todas as reuniões e conferencias, as quaes elle submeterá á apreciação da com. directora, assim como ás centraes nacionaes. O presidente, ou aquelle que o representar, assignará estas actas.

Elle será encarregado da publicação d'um organ periodico, assim como da redacção d'outras publicações officiaes da U. I. dos Syndicatos.

A com. executiva reunir-se-ha uma vez por mez na séde da U. I. dos S. Na dita reunião, os relatorios sobre a actividade das centraes afiliadas e, eventualmente, a acção projectada por estas, serão postos em estudo.

A copia das actas das reuniões, da mesma forma que os relatorios apresentados pelos membros da comissão executiva, serão enviados o mais breve possivel á comissão directora.

A comissão executiva tem competencia para nomear delegados para funções syndicaes nos diversos paizes ou para fazerem inqueritos sobre o movimento syndical nos paizes não afiliados.

A pedido d'uma Central nacional, a comissão executiva porá á sua disposição um dos seus membros, no caso em que ella necessite desse auxilio no interesse do movimento syndical e desde que esteja disposta a restituir á comissão executiva os gastos occasionados por este motivo.

A comissão de direcção se reunirá duas vezes por anno.

A com. executiva fixará a data, o local e a ordem do dia provisoria dessas reuniões, tomando em conta os meios de comunicação disponiveis, assim como outras difficuldades.

As convocações para as reuniões da com. directora deverão ser enviadas aos membros da mesma um mez antes destas reuniões.

A com. executiva, assim como a com. directora serão reembolsadas dos seus gastos de viagem.

*Deveres especiaes da com. directora.* — A com. directora terá por dever :

a) Favorecer os fins da U. I. dos Syndicatos, especialmente no seu proprio paiz e nos paizes limitrophes.

b) Representar a U. I. dos Syndicatos no caso de acções individuais nos seus proprios paizes.

Ajudar a com. executiva a reunir materiaes para ser-

virem aos fins da União Syndical Internacional, no que concerne aos pedidos de recursos no sentido da propaganda nos paizes onde esta está mal organizada ou organizada d'uma forma defeituosa.

d) Prestar a sua collaboração ao exame dos meios pecuniarios e da actividade da comissão executiva depois da ultima reunião e em projecto para o semestre seguinte.

e) Examinar todas as propostas que a comissão executiva não pôde resolver e regular todos os conflictos não solucionados.

f) Examinar todas as queixas e todas as propostas novas.

g) Preparar a ordem do dia da Conferencia regulamentar.

h) Pronunciar-se sobre a admissão ou não admissão das Centraes nacionaes, esperando a confirmação destas decisões pela proxima conferencia.

i) Tomar decisões a respeito de pedidos especiaes de auxilio pecuniario de accordo com a proposta da comissão executiva.

j) Elaborar o orçamento financeiro para o semestre seguinte.

*Affiliação, Demissão e Expulsão* — Sómente uma Central Syndical Nacional de cada paiz será admittida na União Internacional.

É a conferencia internacional dos syndicatos que se pronunciará em ultima instancia sobre todas as questões de affiliação.

A demissão como membro da U. S. I. não poderá ter logar sinão no fim dum periodo bi-annual e apoz um aviso prévio de seis mezes, á comissão executiva.

As centraes nacionaes que estiverem em atrazo nas suas cotisações por mais de dois annos, poderão ser suspensas de membros da comissão executiva até a reunião da proxima conferencia.

Toda central nacional poderá ser expulsa da Federação Internacional por motivo de atrazo nas cotisações, por grave infracção aos regulamentos ou por hostilidade constante para com uma outra central. É a conferencia bi-annual que poderá pronunciar a exclusão.

*Programma* — Os meios para realisar os fins da Federação Internacional são :

a) Troca de todas as informações e experiencias adquiridas interessando o movimento por meio de publicações officiaes e de conferencias.

b) Elaboração de estatisticas sob uma baze uniforme.

c) Assegurar o auxilio reciproco no caso de um conflicto.

d) Favorecer a propaganda syndical nos paizes affiliados, quando isto é proposto pela central syndical d'um determinado paiz.

e) O regulamento de conflictos no seio do movimento.

f) A manutenção do movimento syndical nos paizes não affiliados, na medida do possível.

g) Recolher materiaes para a legislação social e a economia de todos os paizes.

h) Regular a emigração e a immigração no interesse das Uniãos syndicaes.

i) Estabelecer convenções para favorecer a independencia de movimento dos membros affiliados e destinadas a regular a troca de pessoas entre as differentes organizações.

j) A publicação d'uma revista internacional.

Os membros da comissão executiva que por acaso persistirem em faltar gravemente aos seus deveres poderão ser suspensos das suas funcções até o proximo Congresso. Entretanto, a comissão directora pode exigir que, durante esse tempo, elles executem os trabalhos dados por ella para a U. S. I. e correspondendo á sua anterior actividade

São esses os Estatutos da União Syndical Internacional. Como se vê, elles não deixam transparecer a finalidade revolucionaria da associação ou, melhor, dão a entender que ella não tem absolutamente finalidade revolucionaria. Na letra j do programma da internacional está comprehendido que um dos fins desta é «recolher materiaes para a legislação social e economica de cada paiz». Isto é reformismo puro. A legislação social é o engodo com que os governantes e os socialistas parlamentares entretêm o povo. A classe operaria não precisa de legislação social e sim d'uma Revolução Social. Toda a legislação traduz-se em fortalecimento para o regimen social vigente e a associação que se propõe a recolher materiaes para uma legislação mesmo *social* faz obra anti-socialista.

Foi esse um dos motivos que levaram os delegados dos syndicatos independentes allemães e hollandezes a apresentar um voto hostil ao programma da U. S. I. e a retirarem a sua adhesão á mesma.

Depois da approvação dos Estatutos, passou-se á eleição da Comissão Executiva e da Comissão de Direcção.

Em torno da eleição da Comissão Executiva produziu-se na Conferencia uma grande agitação. Os delegados estavam divididos em tres grupos differentes, compostos : um pelos scandinavos, hollandezes, luxemburguezes, allemães e austriacos, queria a presidencia de Legien, o antigo

presidente da extincta Internacional ; outro, pelos belgas, inglezes e americanos, queria-a para um membro de lingua ingleza e finalmente o terceiro grupo, constituído pelos hespanhoes, francezes, suísson e tcheco-slovacos queria o cubiçado posto para Jouhaux.

O partido de Legien tinha a maioria dos votos. Mas como seria um escandalo que a Internacional novamente reconstituída, fosse cahir na direcção antiga, os dois outros grupos se reuniram e puzeram o primeiro em minoria. Passou-se ao escrutinio para a eleição do presidente. O grupo de Legien apresentou a candidatura do hollandez Oudegeest e os dois outros grupos apresentaram o inglez Appleton, secretario da *General Federation of Trade-Unions* da Inglaterra, que obteve 31 votos, contra dezoito dados a Oudegeest. Eleito o presidente, passou-se á eleição dos dois vice-presidentes. Os scandinavos propuzeram Legien para 1.º vice-presidente e outros Jouhaux. Foi eleito Jouhaux por 30 votos, contra 19 a favor de Legien. Para 2.º vice-presidente, cargo que os grupos inglez e francez queriam deixar a Legien, os scandinavos propuzeram a este, mas elle recusou declarando que «os allemães não poderiam aceitar um logar secundario». Em face desta recusa, propoz-se Hueber, austriaco, mas este recusou tambem, adiantando que os «austriacos e os allemães haviam soffrido juntos e continuavam solidarios». Afinal, Bidegaray, delegado francez, propoz a candidatura de Mertens, belga, que foi eleito por 28 votos 2.º vice-presidente da U. S. I.

Para a eleição do thezoureiro e do secretario não houve grande dificuldade porque, tendo a séde da Internacional de ser fixada na Hollanda, esses cargos teriam naturalmente de ser confiados aos delegados hollandezes. Foram, pois, eleitos Fimmen e Oudegeest, respectivamente 1.º e 2.º secretarios thezoureiros da U. S. I.

Portanto, a Comissão Executiva da Internacional Syndical ficou assim constituída :

- Appleton (inglez) Presidente.
- Jouhaux (francez) 1.º Vice-presidente.
- Mertens (belga) 2.º Vice-presidente.
- Fimmen (hollandez) 1.º secretario-thezoureiro.
- Oudegeest (hollandez) 2.º secretario-thezoureiro.

A Comissão directora, que comprehende 1 membro para cada grupo de paizes ficou constituída provisoriamente desta forma :

- 1.º grupo (Estados Unidos) : Gompers.
- 2.º grupo (America Central e do Sul) : reservado.
- 3.º grupo (Grã Bretanha e colonias inglezas) : Williams.

- 4.º grupo (Belgica, França e Luxemburgo) : Dumoulin.
- 5.º grupo (Italia, Hespanha e Portugal) : Caballero.
- 6.º grupo (Allemanha e Austria allemã) : reservado.
- 7.º grupo (Russia e Provincias Balticas) : reservado.
- 8.º grupo (Tcheco-Slovachia, Polonia e Yugo-Slavia) : Toyerle.
- 9.º grupo (Hungria, Grecia, Balkans e Suissa) : reservado.
- 10. grupo (Dinamarca, Suecia, Noruega e Finlandia) : Lindquist.

Entrou em discussão a Carta do Trabalho, inscripta na secção II do capitulo XII do Tratado de paz.

Eduardo Fimmen e Léon Jouhaux, presidente e secretario da Commissão encarregada do parecer sobre esse assumpto, redigiram o parecer seguinte:

A Conferencia Internacional Syndical de Amsterdam declara não poder acceitar como a expressão integral das reivindicações das classes trabalhadoras de todos os paizes, as clausulas contidas no Tratado de Paz de Versailles.

Um simples exame comparativo das clausulas da convenção official do Tratado de paz e do programma adoptado em Berna (Fevereiro de 1919) pelas organizações syndicaes reunidas, internacionalmente, faz resaltar claramente a insufficiencia desta carta.

1.º *Trabalho das creanças e dos jovens* — E' assim que em Berna nós reclamamos (artigo primeiro) a obrigação do ensino primario em todos os paizes, a accessibilidade a todos do ensino superior, a interdicção do trabalho diurno e a obrigação da instrução technica complementar dos jovens de quinze a dezolito annos.

O texto official (clausula 6) é mudo sobre a educação geral; é em termos vagos que elle fala na suppressão do trabalho das creanças, sem fixar a idade limite e as limitações a estatuir sobre o trabalho dos jovens.

2.º *Trabalho das mulheres* — Pedimos (art. 3 e 4) que o trabalho das mulheres, aos sabbados, termine ao meio dia e não exceda nunca de quatro horas.

O texto official é mudo neste ponto. Elle não falla tambem na regulamentação do Trabalho nocturno, nos trabalhos perigosos para as mulheres ou no seu emprego antes ou depois do parto. O facto de estas questões terem de ser ainda levadas á apreciação da Conferencia de Washington, demonstra sufficientemente que os principios por nós exigidos não foram ainda admittidos.

Os textos tambem não dizem cousa alguma sobre a criação d'um systema de seguros de maternidade. A unica concessão feita a nós foi a de proclamar a egualdade dos salarios para um trabalho equal.

3.º *Jornada de oito horas* — A clausula 4 do tratado declara que a jornada de oito horas e a semana de quarenta e oito horas são o fim a ser attingido em toda a parte onde ainda não foi alcançado.

Pedimos (art. 4 do tratado) a fixação positiva da jornada

nada de trabalho reduzida : reclamamos tambem a semana ingleza, da qual o tratado não fala.

Por outro lado, elle não faz allusão á diminuição da jornada de trabalho nas industrias insalubres, nem á suppressão dos venenos profissionaes (Berna, art. 6).

4.º *Descanço semanal* — Pedimos (art. 5) o repouso semanal ininterrupto de trinta e seis horas. A clausula do tratado fixou esse repouso em vinte e quatro horas sómente.

5.º *Trabalho a domicilio* — Não se acha no tratado nenhuma allusão á regulamentação ou interdicção do trabalho em domicilio pedida no nosso art. 7, nem á vigilancia sanitaria a ser exercida nas industrias domiciliarias.

6.º *Direito de coalicção* — Pedimos (art. 8) o reconhecimento do direito de coalicção e de associação para os trabalhadores em todos os paizes e a suppressão das leis e decretos contrarios a esse principio.

A clausula 2 do tratado reconhece tão sómente «o direito de associação tendo em vista todos os objectivos não contrarios as leis» -- texto insufficiente pois que bastaria o um Governo declarar illegal o direito de greve para poder negar o direito de associação.

7.º *Trabalho dos estrangeiros* — No mesmo art. 8 pedimos a extensão aos trabalhadores immigrantes de todos os direitos reconhecidos aos operarios do paiz em que elles estão empregados — comprehendido tambem o direito de coalicção e de associação. A clausula 8 do tratado não fala sinão em assegurar um tratamento economico equitativo a todos os trabalhadores residindo legalmente no paiz. Esta restricção é inaceitavel : ella pôde visar sómente os salarios e, ainda, sem assegurar a egualdade.

Assim como pedimos tambem a suppressão, em regra geral, das interdicções de immigração, com as attenuantes deste principio. O tratado é mudo sobre esse ponto.

8.º *Salario minimo* — O Tratado de paz assegura (clausula 3) o pagamento d'um salario que permitta aos trabalhadores um modo de vida conveniente. Mas elle não prevê nenhuma das medidas propostas pelo Congresso de Berna art. 10 para effectivar a applicação do principio do salario minimo.

9.º *Reivindicações diversas.* A carta do trabalho não fala das nossas reivindicações relativas á organização de um serviço contra a falta de trabalho (art. 11) e de seguros de trabalho (art. 12). A organização de inspecção do trabalho, tal como é apresentada na clausula 9 e ultima do tratado de paz, é insufficiente.

Por estas razões essenciaes, e considerando que as clausulas inscriptas no tratado de paz não procedem das transformações profundas que se operaram no mundo, nem da applicação deste principio de justiça para com o trabalho, sem o qual uma sociedade de nações continuará inexistente e a paz insufficientemente estabelecida;

Considerando, por outro lado, que as classes operarias deverão continuar senhoras da sua acção reivindicadora.

A Conferencia Internacional de Amsterdan confirma o programma de Berna e faz sentir a cada central nacional operaria a obrigação de trabalhar pela sua completa e prompta realisação.

Nessa mesma sessão a Conferencia approvou uma proposta de Sessenbach, Appleton e Jouhaux pedindo a nomeação de *addidos sociaes* junto ás grandes embaixadas. E' preciso pôr mais alguns ta'heres no banquete do funcionalismo syndical . . . Raça de parasitas !

A questão da Carta do Trabalho, implicou n'uma outra : a Conferencia de Washington.

A questão da Conferencia de Washington suscitou uma grande discussão na Conferencia de Amsterdam. Essa discussão foi a unica que interessou verdadeiramente a todos os delegados. Quase todos elles falaram.

A comissão que deu parecer sobre a Carta do Trabalho propoz uma resolução que continha os seguintes pontos :

1.º Que sejam convidados e admittidos á Conferencia os representantes do movimento syndical de todos os paizes sem excepção alguma.

2.º Que sejam reconhecidos como representantes do Trabalho os delegados designados pelas Centraes Syndicaes adherentes a Federação Syndical Internacional. Si estas condições não forem accitadas, as Centraes nacionaes syndicaes representadas no presente Congresso deverão se abster da participação á Conferencia de Washington.

O Congresso Internacional de Amsterdam declara ainda mais que os delegados do trabalho organizado que participarem a Conferencia de Washington oterão dever de lutar energeticamente afim de :

1.º Que o programma de Berna venha a ser a Carta de Trabalho.

2.º Que nas delegações de cada paiz a representação governamental seja de um membro, como as delegações operarias e a patronal

3.º Que ás decisões da Conferencia sejam validas quando tiverem sido tomadas pela maioria absoluta, isto é, pela metade dos votos mais um e não pela dos dois terços, como reclama a convenção incluída no tratado de paz.

Gompers, delegado americano, pronunciou-se contra essa resolução, visto haver tomado parte na Comissão da Conferencia de Paz que adoptou a Carta da Trabalho. Legien sahio-lhe á estacada dizendo que quem votasse contra a resolução votava a favor do patronato. Gompers indignou-se e protestou energeticamente contra essa allegação do delegado allemão, « um homem que havia sustentado o kaiserismo e que parecia não ter ainda comprehendido que o *Deutschland uber alles* está hoje sem valor»... Nesse entrementes, um delegado da dissidencia syndical hollandeza declarou que não valia a pena tanta discussão porque a Conferencia de Washington

« não passava de uma comedia internacional ». E talvez na intenção de que essa comedia se moralizasse, elle propoz que a ella fossem convidados representantes do Soviet russo. Jouhaux, que parece não gostar muito de contactos com os bolchevistas, retrucou-lhe :

« Si a Conferencia de Washington é uma comedia, que utilidade poderá haver de convocar para a mesma os *soviets* ?

Finalmente, passou-se á votação da comparencia á Conferencia de Washington, sob as reservas apresentadas na resolução supra-citada de Jouhaux e Fiammen, que foi approvada por 28 votos contra os 9 da America do Norte.

Encerrado esse ponto, Jouhaux interpellou Legien pelos boatos correntes em França sobre a jornada de oito horas na Alemanha que, a dar creditos a taes boatos, teria sido abolida com o consentimento dos syndicatos operarios, no interesse da *reconstrução nacional*.

Legien respondeu o seguinte :

« Não posso comprehendere como se podem propagar em França os boatos aos quaes Jouhaux faz allusão. Na Alemanha, a applicação da jornada de oito horas é geral, exceptuando sómente os trãbalhadores agricolas, que podem trabalhar dez horas durante a colheita.

« Beaumeister (outro delegado allemão) disse-me que se trata talvez da proposição Danburg, segundo a qual os operarios allemães trabalhariam uma hora de mais, da qual o producto seria versado nas caixas do Estado. E' possivel, com effeito, que isso tenha dado origem a essas fabulas. Mas desde já eu affirmo que a proposição Danburg não tem probabilidade alguma de ser accitada.

« O governo allemão, na sua maioria compõe-se de trabalhadores e de associados e eu dou a Jouhaux a garantia de que não se trata de revogar a jornada de oito horas ».

Os trabalhos da Conferencia Internacional Syndical de Amsterdam resumiram-se mais ou menos nisso. E mais não se poderia esperar d'uma reunião de patrioteiros e *profiteurs*, que durante a guerra traficaram com a força das organizações syndicaes e que agora, considerando-se tambem participantes da victoria, querem tirar proveito da Liga das Nações, essa alliança de salteadores realisada para o sonho systematico dos povos vencidos e dos pequenos povos.

No capitulo da acção geral da Internacional syndical, a 3.ª comissão da Conferencia de Amsterdam, encarregada do parecer sobre esse assumpto, apresentou varias conclusões que absolutamente não estão á altura das circumstancias e que estão mesmo em conflicto formal com o espirito que deveria ter uma Internacional verdadeiramente operaria. Nessas conclusões se

exalta ao absurdo a Liga das Nações, que já não illude nem os próprios liberaes burguezes e que não deve merecer o apoio do operariado organizado porque os seus fins são inteiramente oppostos aos do socialismo. Durante a Revolução Franceza, os reis se colligaram para o combate ao espirito republicano. Agora, durante a revolução russa, os governos burguezes de todo o mundo procuram ligar-se para o combate ao socialismo.

Que dizer d'uma Internacional syndical operaria que dá o seu apoio a uma semelhante alliança de burguezes? Foi por isso que os dissidentes allemães e hollandezes, indignados, fizeram uma declaração no fim da Conferencia de Amsterdam recusando-se a adherir a Internacional Syndical.

Por coincidencia, naquelles mesmos dias em que Jouhaux, Gompers, Oudegeest e Legien estudavam os meios de tornar a Liga das Nações um organismo efficaz, era desencadeada a offensiva franco-rumaica-tcheco-slovaca contra os *sovjets* húngaros. Enquanto o operariado de toda a Europa acompanhava, fremente de indignação e estrangulado pela angustia, o desenrolar da offensiva, os patrioteiros de Amsterdam continuavam tranquillamente a discutir como si tudo caminhasse no melhor dos mundos...

## CONCLUSÃO

Os fins da minha ida á França eram, como disse atrás, estudar o movimento operario francez e tomar parte na Conferencia Internacional Syndical. A primeira parte do meu programma realisei-a durante os 3 mezes da minha estadia entre os camaradas francezes. A segunda não a pude realisar porque os recursos enviados do Brasil pelos camaradas, além de serem insufficientes para a viagem á Hollanda, só chegaram 2 ou 3 dias depois da abertura da conferencia. Portanto, nada mais me restava a fazer do que regressar e foi o que fiz aos 14 de Agosto, pelo paquete *Curella*.

A falta de recursos com que sempre luctei não me permittiu dar um desenvolvimento maior á minha missão. Tenho porem a consciencia de haver feito o que estava na medida das minhas forças e espero que, para outro commettimento igual a este, tomemos disposições mais regulares. O que é innegavel é o valor destas viagens de approximação entre o proletariado dos diversos paizes. Ao menos na França já os nossos camaradas ficaram sabendo que aqui tambem existe um movimento syndical e que, si este movimento não é tão intenso quanto o da Europa, não fica contudo aquem deste em pureza de principios.

Com relação aos varios assumptos de importancia que actualmente preoccupam a attenção do operariado mundial, chego ás seguintes conclusões:

*Sobre o funcionalismo syndical.* — A manutenção de secretarios remunerados, até certo ponto, é um factor de progresso para a organização syndical. Quando um syndicato adquire um certo desenvolvimento e para que esse desenvolvimento, em vez de diminuir, augmente, é necessario se manter á testa das organizações alguns individuos que se occupem exclusivamente dos interesses associativos. Esses individuos, que necessariamente terão de ser remunerados, é que constituem o chamado funcionalismo syndical.

Sob o ponto de vista da *organisação*, o funcionalismo syndical é útil. Mas onde elle se torna pernicioso é no capitulo da *acção*. Os funcionarios syndicaes têm interesse proprio em ver a associação engrandecida e em prover á sua estabilidade. Mas, ordinariamente, o interesse proprio delles desaconselha as acções de energia, os movimentos de audacia que, si por um lado podem trazer o esphacelamento da organização, pelo outro poderão lhe alcançar as mais assignalaveis victorias.

Um outro facto que depõe contra o funcionalismo syn

dical, é esse da formação de grupelhos, de pequenos partidos, dentro das organizações. Os funcionarios, por uma tendencia profundamente humana, desde que se encontram com uma particula de poder nas mãos, procuram augmental-o cada vez mais. O syndicalismo só admittre um poder director — o das assembléas. As commissões só têm poder executivo. Pois, sendo as commissões compostas de funcionarios remunerados, estes procuram, por meios sempre condemnaveis, transformar o poder executivo que as assembléas lhes conferem em poder director. Para esse fim, elles procuram crear em torno de si um circulo de partidarios que acaba muitas vezes por submeter ao seu dominio o restante dos trabalhadores syndicados.

Na Europa, o funcionalismo syndical tem produzido resultados funestissimos. Na França, por exemplo, elle é a unica causa da degenerescencia do espirito syndicalista, verificada depois da guerra e durante ella. Em Portugal, onde o espirito syndicalista se mantém numa aurifera pureza, quasi não existe funcionalismo syndical e na organização central U. O. N. hoje C. G. T.) não existe absolutamente funcionalismo syndical algum. Manifesto me, pois, contrario ao funcionalismo syndical, a menos que se procure um systema electivo, e um regulamento capazes de afastar os inconvenientes supra-citados.

*Sobre o socialismo parlamentar.* — O syndicalismo, como se sabe, é uma revivescencia do socialismo, que ameaçava degenerar num reformismo retrogrado. Mas depois da guerra, alguém tem pretendido rehabilitar a tactica socialista-parlamentar, sob a allegação de que ella está dando resultados satisfactorios em varios paizes, como por exemplo a Italia.

A isto tenho a contestar, que quem assim falla não conhece de perto o assumpto. Em primeiro logar, essa allegação de que a tactica parlamentar tem dado ultimamente alguns resultados, deverá ser restringida somente á Italia e mesmo assim demonstrarei que, até com referencia á propria Italia, a dita allegação deverá igualmente ter restricções.

Em todos os paizes da Europa, exceção feita da Italia, os parlamentares socialistas têm praticado vergonhas innominaveis e absolutamente não têm agido como as circumstancias o exigem. O que os partidos socialistas parlamentares têm realizado de pratico, tem sido feito precisamente fora dos parlamentos e em opposição aos parlamentares socialistas. A esperar-se pela acção destes, nunca a revolução russa teria recebido applausos do proletariado da Inglaterra, França, Alemanha e Hespanha.

O espirito do socialismo não é a politica, mas a acção directa. Karl Marx, que serve de bandeira aos socialistas parlamentares, preconisava, e certo, a lucta eleitoral e a par-

ticipação dos socialistas nos parlamentos burguezes mas estabelecia que essa lucta era apenas uma *diversão* mas não a *acção principal do socialismo*.

Chama-se *diversão*, em linguagem militar, a uma operação destinada a illudir o inimigo e a distrahir-o da acção principal. Mas as doutrinas de Marx foram deturpadas a tal ponto que a participação aos parlamentos burguezes passou a ser considerada como a *acção principal de socialismo*. E dahi derivou a theoria de que o socialismo haveria de ser realizado pela conquista dos poderes publicos (parlamento, concelhos municipaes, ministerios, etc.) alcançado por meio da lucta eleitoral. Para combater essa theoria e destruir os máos efectos que ella vinha produzindo no seio do proletariado revolucionario, é que foi creado o syndicalismo, o qual estabelece que o socialismo terá de ser implantado pela acção directa do proletariado, segundo a formula marxista de que a emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores.

Nos ultimos Congressos dos Partidos Socialistas suisso e italiano, procurou-se dar ao marxismo a sua interpretação exacta, estabelecendo-se que os socialistas passariam a desistir da lucta eleitoral. Na Suissa, essa resolução foi approvada mas na Italia não o foi, apesar dos esforços de Serratti e de outros membros influentes do Partido. Essa medida da desistencia da lucta eleitoral visava collocar o socialismo no terreno exclusivo da acção directa posto que a gravidade do momento não mais aconselha a *diversão* politico-parlamentar. Essa *diversão* era desculpavel nos *tempos de paz* mas agora, em face da situação creada pela revolução russa, ella é de todo inadmissivel.

Quanto aos successos dos socialistas italianos, elles são devidos ao facto de atraz do partido socialista official, existir uma forte organização syndical e uma organização anarchista prestigiosa, que fazem *pressão* sobre os deputados socialistas.

Entre um proletariado de tendencias extremistas, como o italiano, o partido socialista, se quiz viver, teve de tornar-se extremista tambem. A acção dos socialistas italianos, pois, é devida á *pressão* dos syndicalistas e dos anarchistas.

E a acção destes ultimos teria sido muito mais proficua si não tivesse a contraria a a opposição dos socialistas officiaes que, nas grandes occasiões, nunca se esquecem de que são reformistas e parlamentaristas. Onde já estaria a Italia si os socialistas-parlamentares não estivessem atravessados no caminho dos anarchistas e da Unione Sindicale...

O socialismo-parlamentar, na Europa, já está enraizado nos habitos do povo e *hay que gramal-o*. Mas o que eu acho inadmissivel é que se procure crear-o entre nós, onde elle nunca existiu e portanto onde elle não está ainda nos habitos do

povo. Seria preciso destruir a metade do que, em materia de propaganda, tem sido feito no Brazil para se crear um partido socialista-parlamentar digno de nota. Nada mais insensato do que se tentar tal cousa.

O movimento operario no Brazil tem sobre o da Europa esta vantagem especial: a pureza das convicções e a unidade de methodo. Entre nós, só existe uma tendencia operaria digna de nota: a tendencia syndicalista-revolucionaria. E as convicções dos operarios organizados do Brazil não estão turbadas pela illusão socialista-parlamentar. Isto é uma grande cousa. No curso deste trabalho procurei demonstrar as causas da confusão actualmente reinante em certos meios operarios europeus e vê-se bem que ellas são a diversidade dos pontos de vista e a pluralidade dos methodos com que os trabalhadores organizados de certos paizes conduzem a lucta social.

O nosso ponto de vista, de norte a sul, é mais ou menos um só, e o nosso methodo é uniforme. Um dia sabemos avaliar o valor destas circumstancias.

Em nome da pureza das nossas convicções, no interesse da unidade dos nossos methodos, manifesto-me contrario ao socialismo parlamentar.

*Sobre a collaboração de classes e a guerra de classes.*

— Os deturpadores do socialismo, momentaneamente derrotados em 1905 com a criação do syndicalismo revolucionario, não desistiram dos seus propositos e cuidaram logo de procurar novos meios de deturpar a verdadeira interpretação da doutrina socialista.

Essas mystificadores, que antes de 1905 só eram partidarios do socialismo parlamentar, hoje preconizam tambem a collaboração de classes no terreno economico que, no fundo, vale tanto quanto a participação aos parlamentos.

Os partidarios da collaboração de classe existem tanto na organização socialista como na syndical. Os do partido socialista collaboram com a burguezia nos ministerios e não reluctam em formar com ella *uniões sagradas* nos momentos em que periga a *defeza nacional*. Os das organizações syndicaes pretendem collaborar com ella nos Concelhos Nacionaes Economicos.

Essas duas cathogorias de mystificadores parece que nasceram para se completar uma á outra.

Os mais extremados partidarios da collaboração de classes, na Europa, são Jouhaux e Legien, respectivamente secretarios geraes da *Confédération Générale du Travail* e da *Generalkommission* dos Syndicatos allemães. A differença entre os dois consiste em que Legien se declara francamente republicano imperial e *scheidemanner*, ao passo que Jouhaux

pretende passar por revolucionario. O gaulez é raça mais dissimulada que o teutonico.

O documento em que Léon Jouhaux mais claramente se revela partidario da collaboração de classes é, a meu ver, o discurso pronunciado no Concelho Nacional extraordinario da C. G. T., reunido no dia 21 de Julho em Paris para tomar conhecimento dos motivos que levaram a Commissão Administrativa da Central dos Syndicatos francezes e suspender a demonstração internacional do 21 de Julho.

A côrte cegetista e quasi todo o funcionalismo da organização syndical franceza qualificaram esse discurso de *monumental* e proclamaram-no *urbí et orbí* um primor de sabedoria e de prudencia.

Effectivamente, pela maneira habilidosa com que as ideias de collaboração de classes n'elle estão *camouflés*, esse discurso, a primeira leitura, dá realmente a impressão d'uma grande obra de sabedoria. Mas essa impressão desaparece quando se nota a fraqueza das razões em que a sua theoria de *revolução economica* está apoiada. Ella apoia-se, nem mais nem menos, na velha e absurda contraposição da evolução á revolução.

A revolução, diz Jouhaux, não é «o acto catastrophico que determina o desmoronamento d'um systema». Ella é, pelo contrario, «o longo *processus* de evolução que, pouco a pouco, penetra este systema, a acção que solapou este regimen e que, no seio d'elle, constituiu o regimen novo».

Ora, esse longo *processus* de evolução é a evolução ella propria e a revolução não é mais nem menos do que o acto catastrophico que determina o desmoronamento d'um systema. Não podemos confundir essas duas formas de progresso — evolução e revolução porque ellas se distinguem bem uma da outra.

A revolução *longo processus de evolução* só é concebivel no terreno moral. Mas no terreno material, na pratica das cousas, o corramento necessario de qualquer longo *processus* de evolução é um acto catastrophico que marque o fim do systema cujo solapamento essa evolução realisou e que assignale o inicio d'um systema novo. Porque nas sociedades humanas não só se verifica uma tendencia no sentido da *evolução* das ideias e dos systemas como tambem se nota um movimento em contrario dessa tendencia que visa a *conservação* dos systemas e das ideias. A evolução não deixará de ser evolução emquanto a tendencia evolutiva fór mais fraca que o movimento de conservação. Mas desde o momento em que a tendencia evolutiva passa a dominar o movimento de conservação, a evolução

se precipita e toma a forma desse acto catastrophico que determina o desmoronamento d'um systema.

**Impedir o desencadeamento desse acto catastrophico sob a allegação de que a evolução por si só fará tudo, é deixar de pé o movimento de conservação social e eternisar, embora sob formas mais aperfeiçoadas, o systema que a propria evolução tem em vista subverter.**

Quando a evolução, tendo chegado ao ponto de se transformar em acto catastrophico que determina o desmoronamento d'um systema, quer dizer, em Revolução, não toma esse caminho, deixa immediatamente de ser evolução e confunde-se com o movimento de conservação social porque *conserva* esse movimento na sua forma *activa* de autoridade, propriedade privada e governo constituido.

Todavia, o movimento de conservação social não deixará nunca de existir porque si assim succedesse, não se explicaria a razão de ser da evolução. O que elle faz é deixar a sua forma activa de monarchia absoluta, monarchia constitucional, republica, plutocracia, capitalismo, etc. e assumir, por effeito da Revolução, as formas passivas de preconceito, tradição, religião, etc.

Não pode haver revolução sem revolução. O contrario disto é o encaminhamento da evolução no sentido da conservação social, isto é, no sentido do retrocesso.

A collaboração de classes parece ser uma theoria de paz social mas, estudando-se a bem, vê-se que ella, pelo contrario, *alimenta* a guerra social, offerecendo á burguezia possibilidades de vida e elementos de resistencia. Ao passo que a lucta de classes, sendo uma theoria de guerra social, *prepara* a paz na sociedade em procurando fazer desaparecer a burguezia como classe dominadora e privilegiada. Uma boa paz só é possível por meio duma boa guerra. A paz social conseguida por meio da collaboração de classes é uma especie de *paz armada*, que deixa subsistir os antagonismos de interesses e que a qualquer momento poderá dar causa a conflictos.

A collaboração de classes é a *diversão* que afasta a evolução do seu verdadeiro caminho e a confunde com o movimento de conservação social.

A presente evolução social tende para a supressão das classes parasitarias. A collaboração de classes contraria essa tendencia porque, pondo as classes parasitarias em collaboração (?) com as classes trabalhadoras, assegura a existencia da quellas á custa do esforço destas ultimas.

Manifesto-me, pois, contrario a qualquer collaboração da classe operaria com a burguezia ou o governo, porque considero essa pratica anti-evolutiva e conservadora.

*Sobre a Terceira Internacional* — Nos meios operarios europeus appareceu ultimamente uma controversia a respeito da Terceira Internacional. Essa controversia comprehende: d'um lado os socialistas-reformistas e os syndicalistas que d'elles se approximam e do outro os socialistas revolucionarios, os anarchistas e os syndicalistas.

Todavia, a Terceira Internacional não é syndicalista. Os seus principios são socialista-communistas, approximando-se mais do anarchismo que do socialismo parlamentar. Ella é, em synthese, uma Internacional Communista e só poderão adherir a ella as organizações syndicaes que adoptarem a doutrina communista como seu *complemento doutrinario*, ou os partidos socialistas que, abandonando a tactica parlamentar, reconheçam ser o communismo a unica forma viavel do socialismo. É esta a razão pela qual os partidos socialistas da França, Belgica, Inglaterra, Hespanha, Hollanda e outros paizes não adheriram á Internacional de Moscou, apesar de se dizerem defensores da Republica dos Soviets e proclamarem publicamente a sua sympathia pelos principios postos em pratica pelos revolucionarios russos. Porque para adherir á Internacional de Moscou seria necessario que os deputados dos partidos socialistas desses paizes resignassem as suas cadeiras nos parlamentos burguezes e os ditos partidos se collocassem exclusivamente no terreno da acção directa combatendo abertamente pelo estabelecimento da dictadura proletaria. Aliás, o principio da dictadura proletaria faz parte do programma da Internacional Communista como simples arma de combate á burguezia, como medida occasional e não como forma de organização definitiva da sociedade futura. Pois que, sendo o fim do communismo a abolição das classes parasitarias e a fusão das classes uteis n'uma organização de auxilio mutuo, e deixando a burguezia de existir, sobre quem se exerceria essa dictadura? E' evidente, pois, que esse systema da dictadura proletaria que muitos, erradamente ou por má fé, suppõem ser a propria essencia do regimen dos soviets, não é mais do que uma medida transitoria destinada, apenas, á consolidação desse regimen. Essa dictadura não poderá sobreviver á consolidação dos soviets pela razão de que, não sobrevivendo tambem a ella as classes parasitarias, a sua razão de ser desaparecerá. A menos que durante o periodo da dictadura se firmasse o dominio d'uma outra classe qualquer, a dos intellectuaes por exemplo. Mas isto é impossivel porque o regimen dos soviets é o regimen do povo armado e um tal regimen é um campo extremamente esteril para o florescimento de qualquer tyrannia. Por ahí se vê que a formula democratica do governo do povo pelo povo só é praticavel dentro do regimen do povo armado. Si pouco antes de 1887 a burguezia

norte-americana não houvesse torcido e mystificado, a ponto de supprimil-o completamente, o dispositivo constitucional que assegurava ao povo o direito de se armar e de revoltar-se contra os governos tyrannicos, os Estados-Unidos seriam hoje uma verdadeira democracia e não uma plutocracia anti democratica.

Assim, pois, o principio da dictadura proletaria não pode constituir obstaculo para a adhesão de qualquer partido socialista ou de qualquer central syndical á Internacional Comunista. O obstaculo, nesse caso, está n'outra cousa — está na difficuldade ou mesmo na impossibilidade das communicacões entre a sêde da Internacional Comunista e o resto do mundo. Mas este obstaculo poderia ser desviado procedendo-se de forma a que a Internacional de Amsterdam adoptasse os principios da Internacional Comunista ou que se transferisse para um paiz do Occidente a sêde desta ultima. Compreendendo-se por Internacional Operaria um organismo regular e permanente destinado a manter a unidade dos methodos e a promover a simultaneidade e a coordenação da accão entre as organizações operarias de todos os paizes. De Moscou, onde a Terceira Internacional se acha installada, isto não poderá ser feito. Manifesto-mé, pois, favoravel á adopção, pela organização operaria brasileira, dos principios da Internacional Comunista, por meio da adhesão á Internacional de Amsterdam, realisada com o fim de fazer prevalecerem no seio desta ultima os principios communistas da primeira.

*Sobre o bolchevismo.* — O bolchevismo é uma formula pratica de applicação do socialismo, é uma theoria socialista surgida da pratica. Ella é portanto a mais exacta de todas as theorias socialistas e a unica que pode verdadeiramente tomar o nome de socialismo scientifico porque, só sendo scientificamente exacto o que for praticamente demonstravel, elle o é, visto a sua exactidão, a justeza dos seus principios, estar sendo praticamente demonstrada desde alguns annos. O ponto de origem do bolchevismo, é certo, foi o marxismo, mas o bolchevismo só foi um partido rigorosamente marxista até a vespera do seu triumpho.

Depois desse dia elle tem-se modificado de tal forma pela influencia de outras escolas socialisticas, especialmente a anarchista, que o partido bolchevista, hoje, não tem com o de 1905 outras relações além daquellas que lhe advém da tradicção. A pratica introduziu nas theorias bolchevistas uma infinidade de methodos que ellas não preconizavam nem previam antes da Revolução.

Por isto é que eu digo ser o bolchevismo uma theoria socialista surgida da pratica. E daqui concludo que, em toda a

parte onde o bolchevismo fôr applicado, a pratica introduzirá n'elle novos methodos, afastando outros, conforme as circumstancias especiaes de cada paiz. Certas instituições do regimen bolchevista, como a guarda vermelha, o commissariado da guerra, o salariato nas uzinas de munições e officinas metallurgicas não terão razão de ser n'outros paizes onde, ao contrario da Russia, não fôr necessario sustentar a guerra externa com o seu corollario de males inevitaveis como o policiamento interno, o fabrico de munições e de canhões, os serviços civil e militar obrigatorios, etc. etc. Na França, por exemplo, o bolchevismo tomaria um caracter muito differente do da Russia porque entre os operarios francezes já existe o preparo tecnico e a iniciação doutrinaria necessarias para se manter a producção das uzinas sem recorrer nem ao salariato nem aos *bonus de trabalho* dos cooperativistas. Por outro lado, na França, a guerra civil resultada da implantação do bolchevismo seria mais encarnçada do que o está sendo na Russia porque na republica franceza a classe medla é mais numerosa e melhor organizada do que no ex-imperio dos czares, onde só existia uma nobreza territorial que não tinha pontos de contacto com o povo, que formava, quasi, uma casta á parte e cujas possibilidades de resistencia residiam sómente na força armada. Devido a essa circumstancia de na Russia o organismo economico nacional estar muito atrazado, a revolução terá de ser eminentemente economica ao passo que na França ella será eminentemente politica.

Uma cousa curiosa, por exemplo, será o bolchevismo no Japão. O regimen politico do Japão, é o mais logico de todos os regimens politicos burguezes: é o regimen da autoridade pura e simples, sem os rodeios do sufragio universal, do parlamentarismo, ou de qualquer outra mentira democratica. Demos em que lá existam o Parlamento e as eleições mas convenhamos em que essas instituições, lá, são de um effeito simplesmente decorativo e que quem governa de facto o meigo paiz do Sol Nascente é uma oligarchia solidaria e intelligentissima, ahida do seio da antiga nobreza nipponica. É certo que, depois de 1905, a oligarchia japoneza ensoberbecceu-se demais com a sua victoria sobre a Russia e perdeu em intelligencia, em *facilidade de adaptacão* o que ganhou em gloria militar, imperialismo e espirito conservador.

Antes de 1905, os japonezes enviavam frequentemente missões ao Occidente para estudar o desenvolvimento social da Europa e applicar depois no Japão as reformas que esse desenvolvimento exigia. A sua victoria sobre os russos, porém, deu aos japonezes a convicção de que já estavam á altura dos povos do Occidente e só o rumor dos ultimos aconte-

cimentos determinados pela revolução russa os veio despertar d'essa illusão. Elles despertaram, abriram os olhos um pouquinho e viram que já estavam ficando em atrazo sobre o movimento social da Europa.

Supponho que elles, fieis aos seus velhos processos, enviaram á Europa uma missão encarregada de obter informes sobre tudo o que se relacionasse com o socialismo e o movimento operario. Estava eu um dia na redacção da *Batalha*, de Lisboa, quando por lá appareceu um japonéz amavel e sorridente que se dizia commissionedo pelo seu governo afim de obter informações sobre o movimento social de Portugal, assim como exemplares de todas as publicações de autores portuguezes sobre o socialismo. Um detalhe: em conversa com os redactores da *Batalha*, o dito japonéz, que se exprimia soffriavelmente em portuguez, perguntou si tinha visos de veracidade a noticia de que nos regimentos maximalistas russos haviam alguns japonezes. Tendo-se-lhe respondido affirmativamente, elle, sorridentemente, retrucou que isso não podia ser, acrescentando que era coisa absolutamente impossivel um japonéz bedecer a outras ordens que não as do Mikado... Tal cousa elle não poderia admittir nem mesmo por hypothese. Na França, estava eu na séde da C. G. T. quando lá appareceu outro japonéz nessas mesmas condições e com esses mesmos intuitos. Este ultimo já tinha vindo da Inglaterra. Isto me fez pensar que a olygarchia japoneza talvez esteja tratando de realizar outro salto na evolução social do Japão, para o seu paiz não ficar em atrazo sobre os da Europa e não ser submettido por elles. Elles sabem que a Historia, na sua marcha, vae formando um caudal de progressos que faz submergir todos os povos ou governos que não quizerem ou não souberem acompanhá-la.

Desse diluvio só se salvam os que se collocam a altura da Historia. Não quero com isto dizer que alimento a esperança de ver a olygarchia japoneza adaptar-se voluntariamente ao bolchevismo, não: o que eu penso é que ella, assim como conseguiu que o seu liberalismo politico não passasse d'uma *canonflage* do absolutismo antigo, intenta fazer com que o bolchevismo, no seu paiz, seja apenas uma continuação, melhorada e reformada, do regimen actual.

O bolchevismo, pois, não é uma simples theoria, é um conjuncto de licções praticas. Dessas licções, o proletariado de cada paiz deverá aproveitar as que se applicarem aos seus casos especiaes. Que ninguem tenha a pretensão de sustentar que em cada paiz se possa copiar fielmente o regimen russo, porque isso é contrario ao proprio materialismo da historia. E sobre o bolchevismo russo em sou de opinião que, a respeito delle, manifestemos a mais viva sympathia e o ajudemos a se

aperfeiçoar — ajudando o a se libertar dos inimigos externos que o atacam e lhe prejudicam o seu livre desenvolvimento.

*Sobre a Revolução Social.* — Afinal, das observações por mim realisadas entre os camaradas da Europa, a qual destas conclusões deverei chegar: está proxima ou longinqua a Revolução Social? Penso que não é preciso ser propheta para se prevêr que ella está proxima. Esta proximidade, porém, eu não a comprehendo por dias nem por mezes. Não quero com isto dizer que ella seja uma *proximidade* de 50 annos ou um seculo. É todavia uma proximidade de annos que depende, antes de tudo, do desenvolvimento da revolução russa. Si os exercitos maximalistas conseguirem romper o cerco que a burguezia estendeu em torno da Russia ou, por outra, si os governos burguezes se virem forçados a concluir a paz com os *sovjets*, a revolução social em todos os paizes do mundo será questão de cinco a dez annos. Mas si os governos da *Entente* tiverem o prestigio interno necessario para poderem manter vigorosamente o bloqueio da Russia, a Revolução Social será retardada em tanto tempo quanto o que durar o dito bloqueio. O que é possível é que esse bloqueio seja inutilizado pelos esforços dos proprios russos: isto é, si os exercitos maximalistas conseguirem reconquistar a Siberia, o Don, a Ukraina, a Crimèa e o Caucaso, os maximalistas ficarão na situação de poderem produzir o necessario e até mais do que o necessario para si proprios, accrescendo a circumstancia de que a producção dessas regiões reconquistadas fará falta á economia alimentar do resto da Europa.

Então o bloqueio dahi em diante, irá ferir os proprios aliados, pouco prejudicando os russos. Neste caso, a unica solução, para os aliados estar em suspender o bloqueio — e isto significará a victoria do maximalismo a breve prazo. O levantamento do bloqueio e a cessação da guerra contra a Russia tambem poderiam ser obtidos por meio da acção do proletariado occidental, especialmente do da França e da Inglaterra. Mas isto parece-me extremamente difficil devido ao moderantismo dos *leaders* socialistas e das principaes figuras do syndicalismo occidental, as quaes, tendo collaborado com a burguezia durante a guerra, acharam n'isso tão bellos proveitos que não querem mais findar com essa especie de *união sagrada*. Durante a guerra, era a *defeza nacional* que os unia ao governo e á burguezia, «mão grado á sua vontade de permanecerem alheios ao conflicto»; agora, findo o conflicto, é a *reconstrucção nacional* que continua a unil-os ás classes parasitarias. Salvo si um movimento popular surgido expontaneamente, irresistivelmente, das massas, derrubasse os funcionarios syndicaes da organização operaria franceza e subvertesse o La-

*bour Party* e as *Trade-Unions* inglesas. Isto depende, entre tanto, de circumstancias tão complexas que não convem contar muito com um movimento desses. O jogo mais seguro é julgar da approximação da revolução social segundo o avanço do exercito maximalista. Como o Christianismo, o Islamismo, a Reforma e todos os outros grandes movimentos religiosos ou politicos que agltaram a Humanidade, o Socialismo terá de ser propagado pelas armas. As armas servirão para conquistar e defender um territorio onde a nova doutrina se firmará e de onde se expandirá. Porque enquanto uma idéa ou uma doutrina não tiverem poder temporal, não passarão de ideologias inofensivas. O poder temporal serve para ligar a idéa ou a doutrina em questão á pratica das cousas. Seria muito bonito, sei o bem, que as idéias triumphassem por si mesmas mas isto só pode succeder em escala muito limitada e nunca em se tratando de transformações politicas ou economicas. Porque os privilegios politicos e economicos da classe burgueza apoiam-se exclusivamente na força das armas e só pelas armas poderão ser destruidos. Na minha opinião, os exercitos maximalistas não serão vencidos porque os governos burguezes da Europa Occidental nunca poderão mobilisar contra elles as forças necessarias para tamanha empreza. Para vencer os maximalistas, cujo exercito regular ultrapassa de 1 milhão de homens, seria necessaria uma nova guerra, talvez mais encarniçada do que essa da qual acabamos de sahir. E todos vêem que uma nova guerra é impossivel, dadas as precarias condições em que a ultima guerra deixou o mundo. Não encontrando, pois, quem os comprima dentro das suas fronteiras, os maximalistas fatalmente se expandirão para fora d'ellas e á medida que elles se forem expandindo, a revolução social se virá approximando, approximando, até chegar a todos os pontos da terra — impelida irresistivelmente pelo *rouleau compresseur* dos exercitos bolchevistas.

*Sobre a nossa attitude e os nossos deveres.* — Perante os numerosos problemas que a guerra poz em fôco e que interessam de perto o proletariado mundial, qual deverá ser a nossa attitude? E quaes são os nossos deveres a respeito da situação revolucionaria que esses mesmos problemas crearam?

Na nossa situação de paiz sul-americano, distanciado do scenario onde se desenrolam as mais emocionantes peripecias dessa lucta formidavel em que estão fundamente empenhados um passado de escravidão que se quer conservar a todo custo e um futuro de liberdade cujo advento já está começando, nós não podemos influir decisivamente sobre o rumo dos acontecimentos. Todavia, não nos devemos manter alheia-

HD 6657 C3334 1920 LAC-Z

dos dessa lucta porquanto ella se irá alastrando e virá fatalmente a abranger todos os povos da terra.

O que permittiu aos russos realizar essa admiravel revolução que está abrazando o mundo inteiro na sua chamma purificadora, foi uma intensa e tenaz obra de propaganda que consumiu as energias de toda uma geração de intellectuaes e de operarios; o que permittiu ao proletariado da Europa occidental encarar tão decididamente e com tanta elevação os problemas actuaes, é o seu efficiente preparo technico e a sua solida organização. Por isto, o nosso dever, visto sermos obrigados a nos envolver tambem nesta lucta, é realizarmos, pela nossa parte, uma obra de propaganda, de organização e de preparo technico que nos colloque á altura do presente momento historico.

Para a melhor obtenção deste resultado, lembro aos meus camaradas a conveniencia de reorganizarmos quanto antes a Confederação Operaria Brasileira, que deverá empreheuder por todo o Brazil uma obra séria e esclarecida de organização.

Como acção internacional immediata, eu proponho a criação d'uma Internacional Syndical sul americana, que será comunista e revolucionaria, porque são o communismo e a revolução que constituem o espirito das massas trabalhadoras da America do Sul.

Procurando todavia a união com os nossos camaradas da Europa, unamo-nos primeiro aos do nosso Continente. Na America do Sul já existe uma força operaria de bastante valor e para que esse valor seja aproveitado, é necessario formarmos uma união intima e solidaria entre as organizações operarias de todas as nações sul-americanas. Tanto interiormente como no exterior, uma das causas do nosso atrazo reside em que não temos procurado nos conhecer. Assim como todos os sindicatos operarios do Brazil, unidos entre si, estarão em condições de poderem influir sensivelmente na vida nacional, tambem a união de todas as confederações operarias sul americanas permittirá que estas possam influir de certo modo na vida internacional, especialmente no que toca á organização internacional operaria. Por exemplo, si todas as organizações operarias da America do Sul, organisadas em união syndical continental, adherissem em bloco á Internacional de Amsterdam, poderiam, com seguras probabilidades de exito, influir para que esta ultima adoptasse o programma comunista da Internacional de Moscou.

Este projecto é facilmente realisavel. Creio que os trabalhadores dos demais paizes da Sul-America receberiam com satisfação um convite do operariado brasileiro para uma Con-

ferencia Internacional, que deveria ser realizada, de preferencia, n'um dos paizes da costa do Pacifico — o Chile, por exemplo — para desta maneira chamar a atençaõ do proletariado desses paizes, a respeito do qual pouco ou quasi nada conhecemos.

E quantas, quantas outras iniciativas de elevado alcance social não poderemos realizar ?

Precisamos tomar a inteira noção das responsabilidades que o momento actual nos impõe. A Revolução Social, mau grado todos os obstaculos que se lhe antepõem ao advento, os quaes obstaculos derivam menos da força da burguezia que da indecisão dos trabalhadores, a revolução social, digo, está em via de realização na maioria dos paizes. Temos de nos preparar para o advento da nova era, organizando-nos e educando-nos para a posse das riquezas e a direcção dos negocios publicos.

Para isto é necessario :

1.º Dar a maxima intensidade possivel á organização dos trabalhadores das cidades e dos campos ;

2.º Empreender uma vasta obra de educação geral e technica entre os trabalhadores ;

3.º Propagar o mais possivel entre os trabalhadores do Brazil a idéa do communismo, a unica capaz de conduzir a familia trabalhadora ao bem-estar e á liberdade.

Mas precisamos tomar todas estas cousas a serio. Devemos agir methodicamente e com intensidade. Precisamos traçar um plano de acção que abranja todas os detalhes da obra a realizar e que executemos esse plano decididamente, sem desvios nem fraquezas. Para que a revolução venha, não basta que falemos nella todos os dias : é tambem preciso preparal-a. E preparar a revolução não é reunirmo-nos em subterraneos afim de combinar planos de assalto — o que, aliás, nunca passou pelas nossas cabeças mas que muita gente pensa ser assim.

Preparar a Revolução é organizar as classes operarias.

Preparar a revolução é instruir os trabalhadores no conhecimento das lettras e das profissões e educal-os na pratica do amor e da solidariedade.

Quando tivermos feito isso na medida necessaria, a revolução virá seguramente, surgida da disposição natural das cousas e sem que seja preciso nos impacientarmos. A cousa mais certa e infallivel deste mundo é a nossa victoria — desde que a saibamos querer e preparar.

*Bordo do "Currello", Agosto de 1919.*

ANTONIO BERNARDO CANELLAS.

HD 6657 C3334 1920 LAC-Z

## Aos camaradas e ao publico em geral

Pelas suas instituições, pela sua capacidade organizadora, enfim, pelo seu desenvolvimento material, moral, e intellectual, é que a classe trabalhadora se elevará á altura de poder occupar na sociedade o lugar que lhe compete. A obra do presente é sobretudo uma obra de reconstrução social porque a destruição moral e o arruinamento material das instituições antigas já foi feita pelo passado—aliás por um passado bem proximo... pela guerra.

No meio da desorientação geral, nós, os trabalhadores, precisamos dar provas de capacidade directora, organizando serenamente as nossas instituições, que fatalmente terão de succeder ás instituições burguezas.

A «Ruche» é uma dessas instituições destinadas a desempenhar um grande papel no presente momento historico, em que um mundo antigo se incendia sob o sol dum mundo novo. A «Ruche» tem por fim promover a educação tecnica, moral e intellectual dos filhos dos trabalhadores — esses pequenos seres que mais tarde terão de continuar a obra revolucionaria dos seus paes, tornando-a mais solida e mais humana.

Tomei a mim o encargo de installar uma «Ruche» no Brazil e uma grande parte dos recursos que para tal fim necessario espero obtive-os com a venda d'uma série de brochuras que editei e tenho á venda.

### ANTONIO CANELLAS

COMO SE DEVE EDUCAR . . . . . (Faure)	1\$000
«LA RUCHE» . . . . . «	\$500
UMA OBRA NECESSARIA . . . . . (Canellas)	\$500
A ESCOLA DE QUE PRECISAMOS . . . . . «	\$500
RELATORIO DA VIAGEM Á EUROPA . . . . . «	1\$000
O INICIO DUMA PROPAGANDA . . . . . «	\$500

Comprar estas brochuras, propagal-as e promover a venda d'ellas, é concorrer valiosamente para o exito desta obra. Todas os pedidos deverão ser endereçados a Antonio Canellas, rua da Praia 125 — Recife, no Norte; e no Sul ao mesmo, rua Miguel de Lemos 48 — Nietheroy, E. do Rio.

## Boletim Trimensal

Para maior divuigação da nossa cruzada em prol da educação popular, resolvemos editar um boletim trimensal que irá assignalando os progressos da nossa propaganda e consignando o effeito por ella produzido entre o povo do Brazil. Nesse boletim será tambem publicado o resultado das listas de subscripção voluntaria em prol d'uma obra necessaria), com os nomes de todos os subscriptores. As pessoas que desejarem receber esse Boletim, que será de distribuição gratuita, deverão dirigir-se ao endereço acima referido.

---

Typ. "Tribuna do Povo" — Recife.